



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE ARTES  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS – LICENCIATURA

JOANA DARCK SOARES DA SILVA

**(RE) CONHECENDO MINHA CIDADE:**  
guiada por aqueles que aqui vivem

Recife  
2023

JOANA DARCK SOARES DA SILVA

## **(RE) CONHECENDO MINHA CIDADE:**

Guiada por aqueles que aqui vivem

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Betânia e Silva.

### **BANCA EXAMINADORA:**

Aprovada em:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Betânia e Silva (Orientadora)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. Eduardo Romero Lopes Barbosa (Examinador  
Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Fabiana Cristina da Silva (Examinador Externo)  
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Recife  
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva, Joana Darck Soares da.

(Re)Conhecendo minha cidade: guiada por aqueles que aqui vivem / Joana  
Darck Soares da Silva. - Recife, 2023.

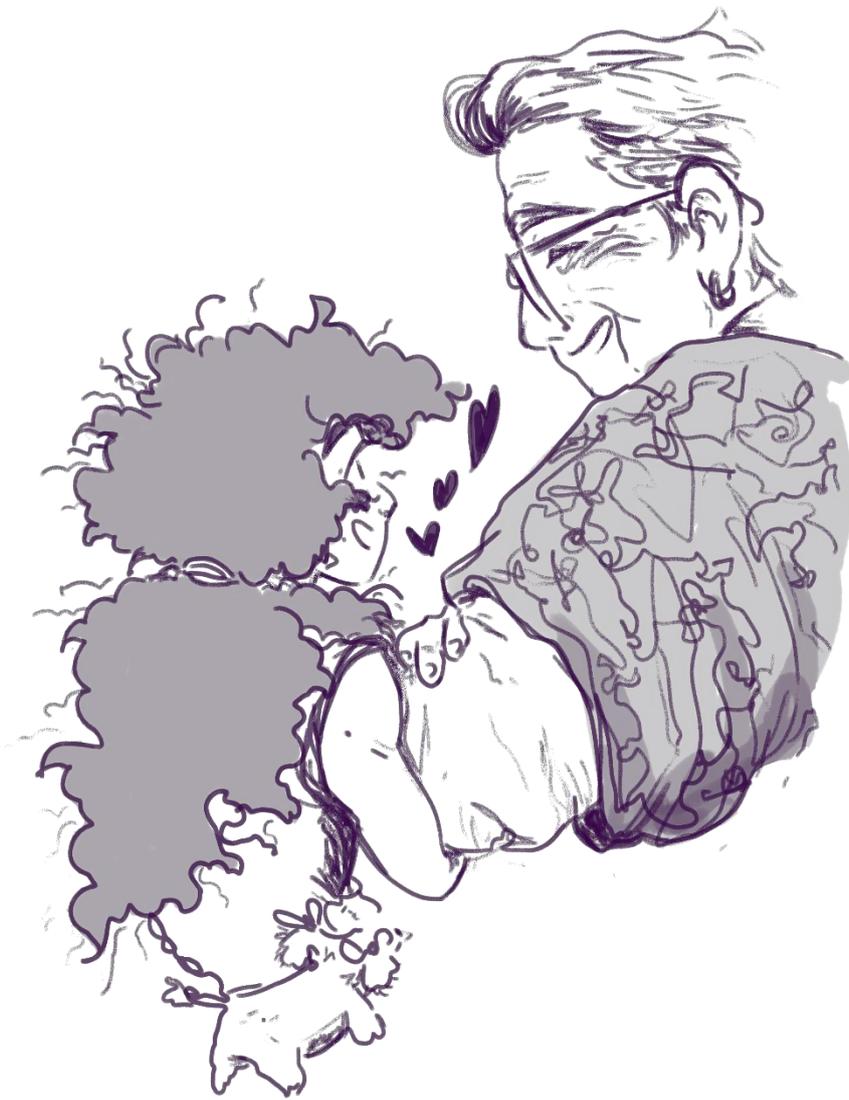
64 p. : il.

Orientador(a): Maria Betânia e Silva

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de  
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Artes Visuais - Licenciatura, 2023.

1. São Lourenço da Mata. 2. Memória. 3. Processo de Criação. 4. Artes Visuais.  
I. Silva, Maria Betânia e. (Orientação). II. Título.

700 CDD (22.ed.)



Para minha amada vovó, que me emprestou seu nome, suas tardes, sua companhia, sua paixão por novelas, suas bolachas de água e sal, suas manhãs de sábado e seu abraço caloroso. Aquela que primeiro me mostrou como amar essa cidade, mesmo que nem estivesse tentando. É para senhora esse trabalho. Um dia, se tudo der certo, poderei mostrá-lo em primeira mão.

## Agradecimentos

Agradeço primeiro a Deus, porque tenho certeza que teria pulado fora dessa coisa de ensino superior, se não fosse a segurança que Ele me passa.

Agradeço aos meus pais, Valdira e José, mamãe e papai, por não terem pirado quando disse que entre tantos cursos e tantas carreiras, escolhi ser artista e arte educadora. Obrigada por me criarem para ser quem sou. Amo-os e nada do que construí hoje, seria possível *sem* vocês.

Agradeço à minha gigante e barulhenta família, pelo amor e carinho, que têm me dedicado ao longo desses quase vinte e três anos. As minhas tias, e suas personalidades únicas, em quem me inspiro todas as manhãs. Em particular a minha *dinda*, que é tanto minha mãe quanto minha própria mãe. Te amo mais do que consigo colocar em palavras. Aos meus primos, os mais caóticos do universo; a Tiago, por ser o irritante irmão mais velho, que nunca sequer precisei pedir; A Henrique, pelas longas, e às vezes repetitivas, conversas sobre aquilo que amamos; a Helena, por me ensinar como dizer não às coisas; a Amanda, pelas risadas espalhafatosas; a Carol, por topar participar dessa pesquisa, pela rebeldia e diversão intensa; a Sofia, pelos unicórnios, amo desenhá-los. Amo *vocês*.

Agradeço a vovó Ester. Sem a senhora, nada disso seria possível. Mas, principalmente, sou grata pelo carinho e pelo amor, que sempre me deu de bom grado. *Te amo*.

Agradeço a Elivan, por embarcar na minha viagem, no mapeamento que foi tudo isso. Sério, de verdade, obrigada!

Agradeço a turma 2018.1, companheiros da jornada que está sendo/foi a Licenciatura em Artes Visuais. Pelas conversas teóricas, mas em especial, pela fofoca, pelas risadas, pelas frustrações e sonhos trocados, ao longo desses anos. Não poderia ter entrado em outro ano. Tinha que ser esse. Tinham que ser vocês.

Agradeço a professora Betânia, minha guia no processo de construção do famigerado TCC. Por todo encorajamento, pela dedicação em lecionar, pelo carinho, pelo afeto, pelo sorriso sincero. O curso não seria o mesmo sem a senhora, não seria tão bom.

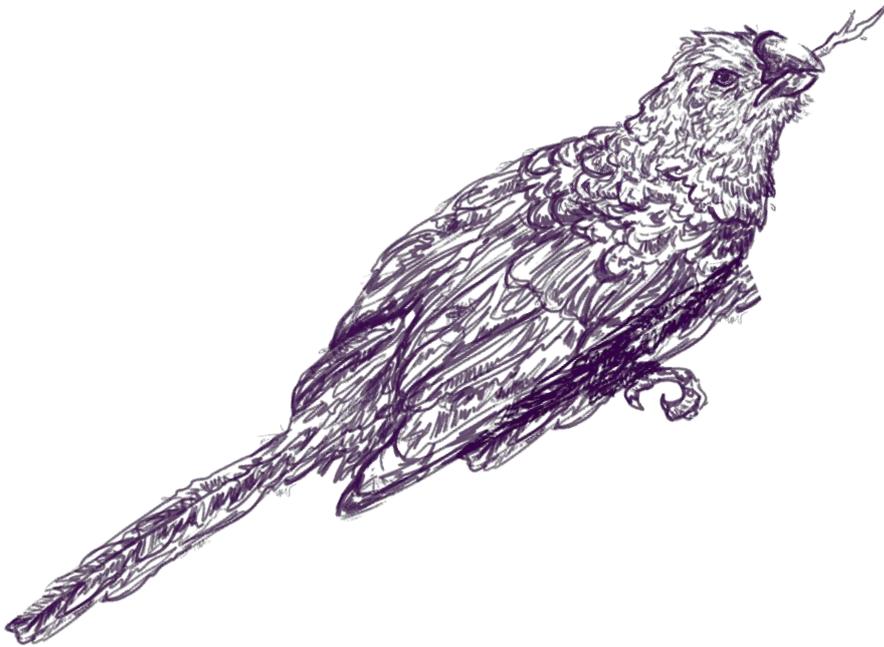
*Obrigada.*

Agradeço a minha irmãzinha, Julia. Pela paciência. Por ser a melhor colega de quarto que alguém poderia pedir! Por me ouvir vomitar um milhão de informações aleatórias, que nem te interessavam. Pelo bom humor geral, com que me recebe. **Pelos sanduíches maravilhosos.** Pelas palavras de incentivo. Por me chamar de “*Joaninha*”, mesmo que eu seja a mais velha e a mais alta também. Te amo, te amo e te amo.

Agradeço a *Matheuzinho*, o amor da minha vida. Aquele que não entende muita coisa de arte, mas gosta de me ouvir falando sobre, mesmo assim. Minha melhor e mais fiel companhia. Sou grata pelas longas conversas. Pelas curtas, e as profundas e as rasas e as tristes e as alegres e as irritantes e as divertidas também. Sem você, esse TCC não seria escrito, espero que saiba. Foi para você que mandei as primeiras versões de tudo. E as últimas também. Você é minha pessoa favorita em todos os multiversos.

Por fim, agradeço a São Lourenço da Mata, por me acolher todos os dias, por crescer em meu peito, ao longo dos anos, por me encher de criatividade e curiosidade e amor. Obrigada por ser a casa, para onde posso voltar sempre, e o espelho “mágico”, ao qual olho quando quero buscar a mim mesma. Obrigada pela Festinha de Agosto. Obrigada pelo rio. Obrigada pelo cheirinho de terra molhada. Obrigada pela feira. Obrigada pelas praças, e as estradas, e os campinhos, e as pontes, e as ladeiras, e os bairros, e as lojas, e os gatos, e os cachorros, e os cavalos, e os burrinhos, e os pássaros, e as pessoas.

*Obrigada.*



*“Eu te amo. Eu te amo. Eu te amo. Vou escrever nas ondas. Nos céus. No meu coração. Você nunca vai ver, mas vai saber. Eu serei todos os poetas, vou matar todos eles e tomar seus lugares um a um, e a toda vez que o amor for escrito, em todos os filamentos, será para você.”*

(El-Mohtar e Gladstone, 2021)

## **RESUMO**

Nunca me mudei, em toda minha vida, enraizada na mesma rua e cidade. Esse espaço físico, que é meu município, já me é familiar. Já o conheço. Mas, essa pesquisa parte da vontade de vislumbrar a cidade de São Lourenço da Mata, através do olhar daqueles que nela vivem. Para tanto, fiz uso da união entre o método cartográfico e a entrevista semi-estruturada narrativa. Na organização dos fios, desemaranhados durante a descoberta, surge um primeiro momento, onde apresento um apanhado da história do município. Em seguida, discutindo Santos (2012), Augé (2012) e Bosi (2023), trago a visão de três residentes sobre a cidade onde vivem. E, por fim, estabelecendo as pontes entre história e percepção pessoal, apresento a produção de três obras que representam a cidade que é vista, por seus moradores, concebida através do diálogo com os entrevistados.

## **PALAVRAS-CHAVE**

São Lourenço da Mata; Memória; Processo de criação; Artes Visuais

## **ABSTRACT**

I've never moved in my whole life, with my roots in the same street and city. In this familiar space, this is my city. I already know it. But this research starts from the will to see the city of São Lourenço da Mata through the eyes of the inhabitants. To do this, I've combined the cartographic method with a semi-structured narrative interview. In the cable management, untied during the discover, came a first moment where I show a bunch from the city's history. Next, arguing Santos (2012), Augé (2012) and Bosi (2023), I bring the vision from three residents of the city that they live. And, in the end, stablishing the bridges between the history and the personal perception, I show the production of three artworks that represent the city there is seeing, through their residents, brought by the dialog with the interviewees.

## **KEYWORDS**

São Lourenço da Mata; Memory; Creation process; Visual arts

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	<b>7</b>
<b>A cidade que existe</b>	<b>10</b>
1. Antes...	
2. Agora	
<b>A cidade que é vista... É aquela sentida</b>	<b>19</b>
1. O que é São Lourenço da Mata, pra você?	
2. Qual o lugar mais importante pra você, em São Lourenço da Mata?	
3. Como você apresentaria a cidade de São Lourenço da Mata, para alguém que nunca esteve aqui, que nunca a viu?	
<b>A cidade pintada</b>	<b>32</b>
<b>A cidade que fica</b>	<b>58</b>
<b>Referências</b>	<b>61</b>

*“E esse é o meu chão  
 E é o meu lar  
 E aqui meus primeiros passos vou dar  
 Nessa terra onde eu nasci  
 Tudo aqui me chama  
 Sou daqui”*  
*(Spirit: O corcel indomável , 2002)*

Existe um lugar, bem normal, que até dizem banal – como se fosse possível ser – onde as pessoas se conhecem, mas nem é tanto assim. Onde você pode passar toda vida, sem esbarrar uma única vez, com seu colega de bairro. É um pedaço gigante de terra cinzenta, com cheiro e gosto de terrinha perdida. Minúscula, quase invisível. Porque é comum, é desses lugarejos, que dão familiaridade, dão sensação de já terem sido vistos, um milhão de vezes antes. “A cópia, da cópia, da cópia.” (*Clube da luta, 1999*). Minha infância, adolescência e atual vida quase adulta, foi passada – está sendo vivida – toda nesse lugar que, por excelência de termo, seria descrito como singelo.

São Lourenço da Mata é pouco lembrado, nos demais espaços por onde passo. É recebido com espanto, porém, diante da menção de sua existência e da associação de que sou de lá (daqui). A localidade perdida, apagada, ganha tons de distância, de dificuldade de acesso. Quando verbalizo de onde sou, aquilo que mais consigo, são elogios, recheados de espanto, sobre a coragem de cursar uma universidade na capital do estado. Mesmo que, no mapa, no frigidar dos ovos, São Lourenço - como é mais conhecida -, fique a pouco mais de 19 km distante, do Recife. Na outra mão, e disso bem sei, há certo trabalho sim, em ocupar determinados espaços, pelo fator trânsito, muito mais que distância geográfica. A grande questão, é que durante toda minha vida, não apenas a acadêmica, mas toda minha existência na terra, fui transpassada pela noção de pertencer a São Lourenço. Essa identificação, essa impossibilidade de apartar-me, não é algo que percebo naqueles que me são próximos, e que aqui também vivem. São Lourenço da Mata é parte indissociável de minha alma. Vivo e respiro a cidade, como se fosse uma extensão de mim. E chega uma hora, um momento da vida, em que é necessário falar sobre nossos pedaços. Como artista visual, como arte educadora em formação, como comunicadora de ideias, alcancei esse momento da vida, em que preciso falar sobre São Lourenço da Mata. Preciso conversar sobre o que é essa cidade.

E o que seria um diálogo, uma conversa, senão aquele momento em que uma das partes sussurra, ou conclama, ou mesmo grita, algo, e o outro lado, essa metade desconhecida, devolve um pedaço inteiramente novo? Não posso pensar em qualquer

analogia, qualquer explicação, que fuja dessa ideia. Comunicação, por essência, envolve mais de uma parte. E aí está, o espaço da arte. A fagulha, a trilha de pólvora e o caminho, que estabelece essa conversa. Uma obra, em qualquer método que seja, transborda comunicação. Existiu o artista, que disse algo – através de tinta, papel, barro, pixels, seu próprio corpo, universos inteiros de possibilidades –, então existe o observador, o público, aquele que está para consumir, para interagir, para devorar e digerir, ou regurgitar, ou nenhuma das opções citadas antes; mas para ter alguma reação, *qualquer* reação. Arte é diálogo. Tenho percebido isso desde que era criança, e fui arrebatada para este mundo, ao mesmo tempo, em que fundamento essa ideia, desde 2018, quando pisei pela primeira vez na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Preciso conversar sobre São Lourenço da Mata, e minha linguagem comum, é a arte. A mesma que tem dialogado comigo, em todos esses anos, sobre as infinitas formas de se ver, e existir em um mesmo lugar. Um mesmo espaço. Uma mesma obra. Uma mesma *cidade*. Já conheço a São Lourenço que vejo. Já percebo que gosto possui, seu cheiro, suas cores, o significado que tem para mim. Já tenho tudo isso catalogado em minhas entranhas. Mas, quero entender: *O que é a cidade de São Lourenço da Mata para seus habitantes?* É desse anseio por compreensão, que surge o objetivo geral da pesquisa: Vislumbrar a cidade de São Lourenço da Mata, através do olhar daqueles que nela vivem.

Para concretização dessa vontade, tenho por objetivos específicos: a) Investigar a história de São Lourenço da Mata; b) Realizar três entrevistas com residentes fixos de São Lourenço da Mata, a fim de compreender como percebem o lugar em que vivem; e, na amálgama das conversas e lembranças surgidas c) Produzir três obras, através do olhar dessa tríade de moradores. Excedendo meus desejos, porém, há a proposição de conhecimento, do saber compartilhado e acessível. Existem poucas obras que conversam sobre minha terra natal. Um livro, publicado em comemoração à seu aniversário de 90 anos de emancipação política, com forte tendência à validação do genocídio e invasão dos portugueses; um capítulo publicado na *Enciclopédia dos Municípios brasileiros – Municípios do estado de Pernambuco (vl.18)*, (1958); uma página vazia no site oficial do IBGE... Para aqueles que vivem no município, porém, é pouco ou nenhum o alcance de quem um dia foi esse pedaço de terra, porque quase não há o saber de quem ela é agora, na prática. A pesquisa, *minha* pesquisa, busca entender o que São Lourenço da Mata significa para seus moradores, como processo para criação artística, em diálogo com discussões sobre memória e percepção/construção de lugares.

E nesse processo de construção, percebo que dois métodos com a pesquisa se entrelaçam, com ela fazem sentido, com ela dialogam. O primeiro deles, sendo, a cartografia, que se erige “na força dos encontros gerados, nas dobras produzidas na medida em que se habita e percorre os territórios, é que sua pesquisa ganha corpo.” (Da Costa, 2014, p.67). Tal qual uma quimera, que se adapta a área e momento que melhor lhe convir, ou necessitar. Não há modo melhor de descrever o que vai acontecer. “Cartografar sensações? Produzir a partir das sensações experimentadas sob a atmosfera da cidade escolhida.” (Oliveira e Richter, 2017, p. 34), São Lourenço da Mata, já me é um ambiente extremamente familiar, ao ponto de ter se tornado comum. Mas, o convite que o próprio método faz, é de repensar os ambientes, de se permitir a lançar novo olhar, sobre emoções específicas, sobre aquilo que, em tese, deveria ser ordinário. Essa nova visão, porém, surge na natureza de outros pares de olhos, que não os meus, trazendo a característica da entrevista narrativa, um método de cunho qualitativo que visa reconstruir acontecimentos a partir da perspectiva dos informantes. Onde,

estimula quem vai ser entrevistado a narrar episódios importantes da vida, configurando-se esse ato de contar/narrar e escutar histórias em um método para atingir seus objetivos [...] permite ao narrador contar a história sobre algum acontecimento relevante de sua história de vida e do contexto do qual faz parte. (Cabral e Sousa, 2015, p.154).

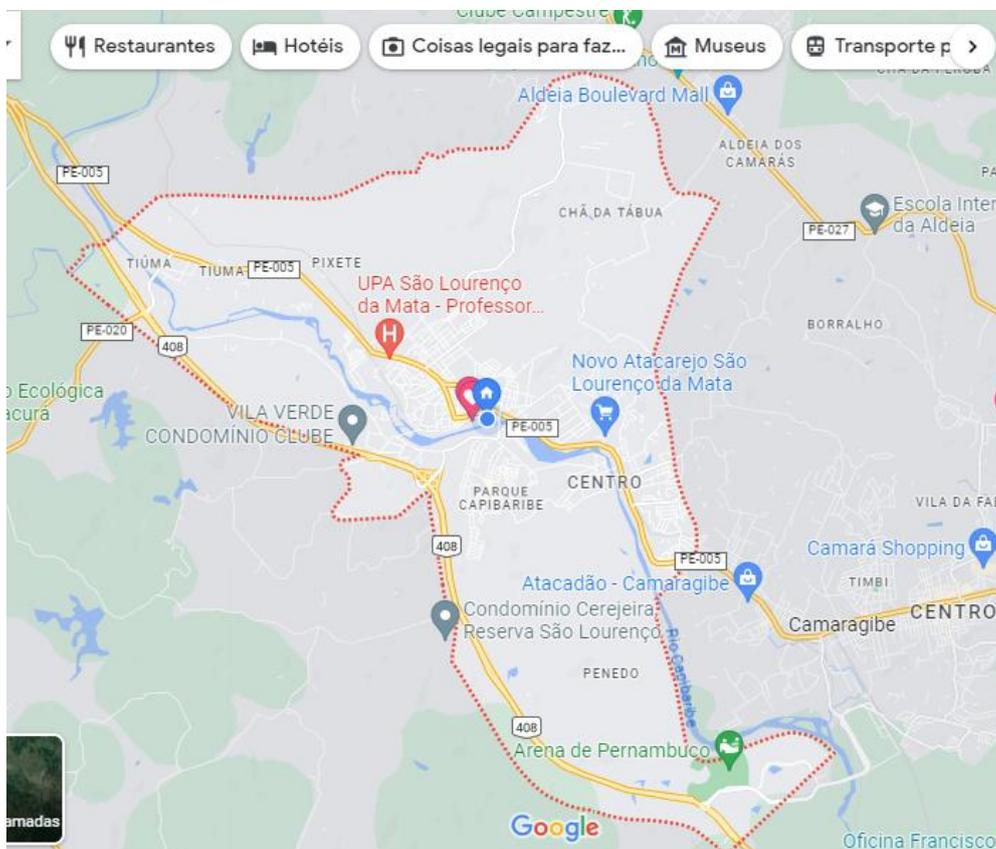
## A cidade que existe

*“Minha terra é a terra que é minha  
E sempre será  
Minha terra tem a lua, tem estrelas  
Sempre terá”*

*(Metal contra as Nuvens – Legião Urbana, 1991)*

É assim que se encontra minha cidade: abra sua barra de pesquisa, digite "São Lourenço da Mata"; é importante completar o nome, porém. Não vá com pressa, apenas selecionando o primeiro "São Lourenço" que surgir. Isso vai te levar para aquele que faz parte do “Circuito das Águas”, em Minas, que seria o roteiro errado. Também não passe o olho rápido, e se deixe escolher “São Lourenço do Sul”, porque o Rio Grande do Sul não é o estado em questão. Tenha calma, exercite sua paciência e fuja da confusão com “São Lourenço da Serra”, uma vez que São Paulo não é o destino indicado. Então sim, digite tudo, palavra por palavra. Porque minha cidade fica em Pernambuco, nordeste brasileiro. Seguindo as precauções corretamente, o resultado não demora, e daí, é questão de acionar a opção *Maps*, após o início da pesquisa. O termo estrangeiro, que nomeia a ferramenta, indica sua função de busca: mapas. Serve para localização, traçar rotas e planejar viagens. É com ele que se encontra minha cidade, mas não é através dele que a

*conhece.*



*Figura SEQ Figura \\* ARABIC 1. Figura 1(captura de tela do google maps de 13 de julho de 2023)*

## 1. Antes...

Existe uma máxima afirmativa, de que a história é contada pelos vitoriosos, e que por isso tende a favorecer seus interesses. Não é preciso pensar muito a fundo, para encontrar vestígios de sustentação dessa tese; mas uma outra verdade, é que antes do

advento da escrita, a história de um determinado grupo social, aquilo que Maurice Halbwachs (1877-1945) viria chamar de *Memória coletiva*, estava fadada a terminar, quando o último daquele grupo social desaparecesse. O conceito é bastante simples, na verdade, quando o sociólogo francês diz que a memória

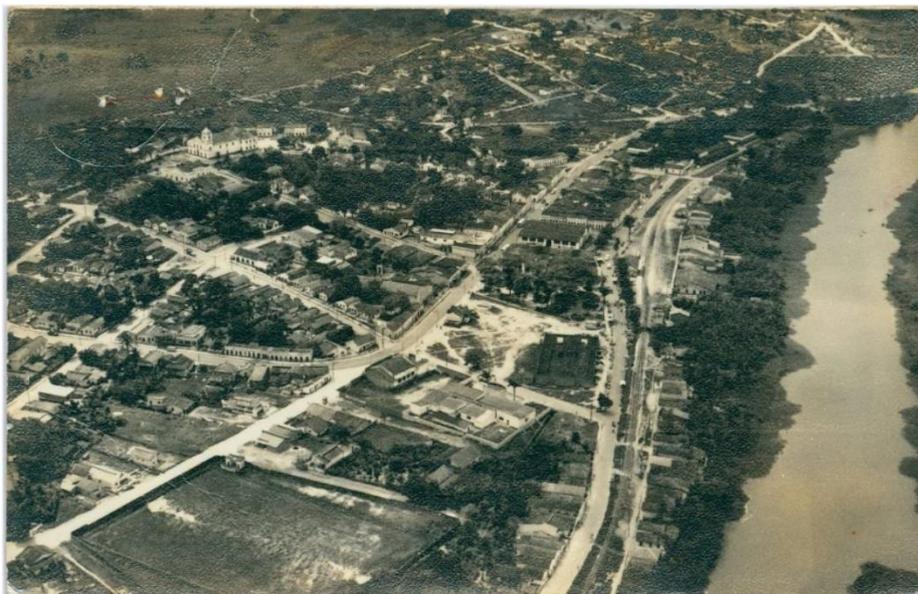


Figura SEQ Figura \\* ARABIC 2. Vista aérea da cidade, 19--. IBGE.

coletiva “retém do passado somente, aquilo que ainda está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém. Por definição, ele não ultrapassa os limites deste grupo.” (Halbwachs, 1990, p. 81-82). É dessa memória, que a história consegue sua matéria prima. A diferença aqui sendo, enquanto uma propõe-se ao relato passional – “a memória é a vida” (2009, p.12), afirma Alecsandra Oliveira, doutora em artes pela USP (Universidade de São Paulo) –, vivido em primeira mão pela comunidade, a outra anseia pela imparcialidade de narrar os fatos. Em teoria, a história se preocupa por contar o que aconteceu. Fazer determinada memória coletiva, romper seu ciclo de perenidade.

O problema é que não houve imparcialidade na preservação da memória de São Lourenço da Mata. Não há um enredo linear, objetivo e amplo, se propondo a abranger todos os grupos sociais existentes naquela região. Houve, na verdade, o domínio narrativo pelas mãos dos que se disseram vitoriosos, com seus floreios, aquilo que hoje costumamos chamar de, “passadas de pano”. Remontamos, assim, ao século XVI, o começo dessa trilha. Mesmo que nas regiões do Brasil, estudos até bem recentes – início de 2023 – tenham sinalizado a presença humana há, pelo menos, 25.000 anos; mesmo quando o recorte geográfico, hoje conhecido como Zona da Mata, sequer estivesse desocupado, na

chegada dos invasores. Mesmo *assim*, o ponto de partida da história de minha cidade, foi marcado em 1540, nas primeiras décadas da violenta invasão portuguesa, às terras do que seria o Brasil.

Durante os primeiros trinta anos de sua chegada, os portugueses mantiveram-se um tanto limitados na costa brasileira. Diante do crescente interesse na terra que declaravam sua, porém, expedições para adentrar o coração do território, tiveram início. Com a presença definitiva dos europeus em território estranho, as primeiras capelas foram erguidas. E é um tanto irônico, que as mais antigas (ainda de pé) estejam localizadas no mesmo estado. A primeira, foi erigida no município de Igarassu, litoral norte, em 1535, cunhada por Igreja de São Cosme e São Damião<sup>1</sup>. É a segunda, porém, que desenrola mais um pouco o fio da história de minha cidade, e que ajuda a conhecê-la, ao invés de apenas encontrá-la.

No ano de 1540, os invasores já haviam alcançado a região hoje conhecida como Zona da Mata, deparando-se com, como sugere o título, extensos hectares de mata



**IGREJA DE N. S. DA LUZ, existente desde 1540**

*Figura SEQ Figura \\* ARABIC 3. Igreja de Nossa Senhora da Luz, no distrito de Matriz da Luz (Captura de tela, de: História de São Lourenço da Mata, 1981)*

atlântica, margeados por dois rios e seus afluentes (estes sendo, Capibaribe e Beberibe). Nesse período, ainda não haviam sido descobertos minérios de grande valor em solo brasileiro, mas não era tanto um problema, quando havia *pau-brasil*<sup>2</sup>, sua grande demanda na Europa e ostentosa presença nas terras de recém saque. Claro, já na costa as

árvores capazes de produzir a cara tintura rubra, se faziam notar, mas,

nada se comparava ao que havia nas entranhas. Interessados no comércio, e na facilidade proporcionada pela conexão do rio Capibaribe com Olinda, os portugueses resolveram criar raízes no lugar invadido. Foi no alto de uma colina, onde construíram a capelinha

<sup>1</sup> Construída sob o lugar de vitória dos portugueses sobre os Caetés, donos das terras invadidas. Em 2019, com investimento do BNDES (Banco de Desenvolvimento Econômico e Social), fechou as portas para reforma e ampliação. Só após dois anos, foi reaberta para visitação.

<sup>2</sup> Árvore leguminosa nativa da Mata Atlântica, grande interesse dos portugueses por conta do pigmento vermelho presente no interior de seu tronco, usado na área da tinturaria.

dedicada à Nossa Senhora da Luz, para quem pediam por iluminação em seus caminhos e proteção – como se não fossem eles dando início a um dos capítulos mais violentos de nossa história – era o ano de 1540.

Como em todo território nacional, no entanto, as terras agora “abençoadas” por Nossa Senhora da Luz, não estavam desocupadas, não eram território de ninguém. A região era habitada pelo povo *Tupinambá*<sup>3</sup>, que não mostrou-se nem um pouco receptivo aos usurpadores do além mar. Não que esses últimos, possuíssem qualquer interesse em retornar de mãos vazias, respeitando os verdadeiros donos de onde invadiam; todos já ouvimos essa história antes, em lugares diferentes do mapa, com povos distintos, enfrentando inimigos parecidos. Alguns de nós já leram sobre o assunto. Quando era criança, por exemplo, durante o ensino fundamental, lembro de não me interessar por história nacional. Havia em mim, essa sensação de repetição, de serem sempre as mesmas palavras e os mesmos eventos. Hoje, mais velha, sei melhor que muito daquilo se deu pela máxima citada antes, a história estava sendo contada pela ótica dos que ganharam, e ela é rasa na tentativa de ser glamourosa. Nos pouparei de ecoar falácias históricas, porque, o que aconteceu entre tupinambás e portugueses, foram quase quatorze anos de enfrentamento, às margens do Capibaribe. Muito sangue foi derramado de ambos os lados,



*Figura SEQ Figura \\* ARABIC 4. Vista do Rio Capibaribe, do viaduto do Parque. (Pernambuco Notícias).*

enquanto ninguém cedia, ou recuava, ou sequer estabelecia diálogo.

Em 1554, porém, os filhos de Duarte Coelho <sup>4</sup>(1485-1554), então donatário da capitania de Pernambuco, foram enviados para “organizar” a situação e liderar as tropas portuguesas. Apenas nesse ponto, diante do excedente bélico e mais de uma década de resistência, os tupinambás foram arrancados de suas terras. Na forçada ausência, Portugal

<sup>3</sup> Em todos os documentos históricos sobre o primeiro contato dos colonos com as terras de São Lourenço, a presença indígena aqui é apontada como sendo da família Tupinambá. Não foi possível, porém, encontrar qualquer confirmação recente da presença deles por aqui, bem como, nada que desmentisse os fatos então apresentados.

<sup>4</sup> Tido para a história como fundador de Olinda.

ficou livre para cumprir seu propósito: extrair cada broto, cada muda, cada árvore e tronco de pau-brasil, que a região tivesse a oferecer. A destruição da espécie, a ação predadora e usurpadora em seu ápice. As colinas, antes cobertas pela valiosa árvore, espacearam no correr dos anos. Com rota estabelecida através do Capibaribe, direto para o porto de Olinda, o lugar passou a ser grande fonte de renda para toda capitania, ostentando título de maior exportadora de pau-brasil. No cenário de estabilidade, firmou-se por ali, na margem esquerda do Capibaribe, a singela vila de São Lourenço da Mata, ainda nas últimas décadas do século XVI. Acredita-se – e sou obrigada a usar esse termo vago, porque essa é uma daquelas informações imprecisas, que circulam entre a população, que

*Figura SEQ Figura \\*ARABIC 5. Igreja Matriz de São Lourenço da Mata, Centro. (Captura de tela, de: História de São Lourenço da Mata, 1981)*



**IGREJA MATRIZ — PARÓQUIA DE 1621**

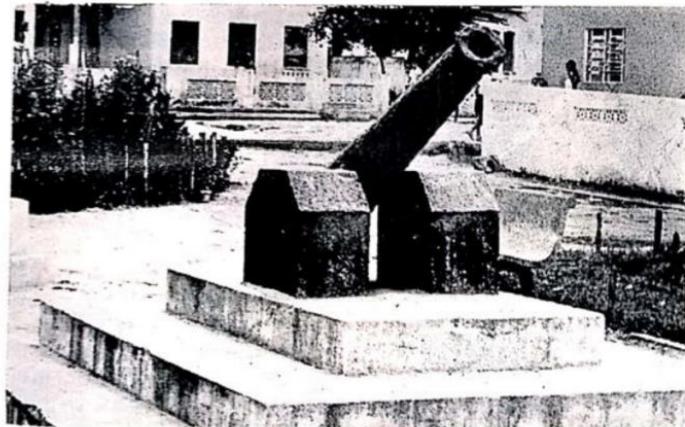
por sua vez, a toma como verdade, sem de fato haver nada que comprove essa verdade, ou que a desminta – que o nome tenha vindo, tanto pelas vastas matas da região (o que acabou nomeando a sub-região Zona da Mata), quanto por fazer referência ao primeiro morador (ou o primeiro invasor).

Não há documentação precisa sobre o ano da chegada desse Lourenço, ou mesmo acerca dos primeiros moradores fixos da região, após o expurgo de seus reais donos. Existem, porém, registros sobre essa presença contínua datando de 1587, referendada por uma capelinha, erguida ao topo de uma colina, sob proteção de São Lourenço. Ao contrário da capela de Nossa Senhora da Luz, que ainda guarda, até o

presente dia, resquícios de sua construção primeira, do paroquiado original de São Lourenço, nada restou. Isso porque, no ano de 1635, os holandeses alcançaram o, então jovem, povoado de São Lourenço da Mata. E o fizeram, saqueando e destruindo tudo o que encontravam pela frente, incluindo a capelinha de São Lourenço.

Com a extração de pau-brasil acontecendo como planejado – ou seja, sem controle e cuidado – o povoado de São Lourenço prosperou em tempo recorde. Assim como demais localidades do nordeste, logo se fez perceber que o negócio do açúcar vingaria por aqui. Em 1630, São Lourenço contava com pelo menos sete fábricas que, segundo diziam, “produzia o melhor açúcar da capitania”. Não há precisão de quando o povoado passou a freguesia<sup>5</sup>, mas há indicação do padre Gonçalo Ribeiro, responsável pela vigaria de São Lourenço, sendo morto a pauladas pelos holandeses. Essa passagem, define o tom da presença dos invasores – ou, nesse caso, dos *outros* invasores, visto que já haviam portugueses aqui, transpassando o que não era deles – na então freguesia. Os anos de embate entre são-lourensenses e flamengos foram sangrentos. A priori, houve tentativa de manter a economia em pleno funcionamento, visto que, para início de conversa, era esse o motivo da vinda. Não deu muito certo. De acordo com a “*Enciclopédia dos Municípios brasileiros – Municípios do estado de Pernambuco (vl.18)*” (1958), a passagem dos vindos da Holanda em solo são-lourensense foi particularmente violenta, dada a intransigência que encontraram por aqui. Muitos fugiram, temendo serem pegos no fogo cruzado. A jovem freguesia chegou a ser evacuada, restando apenas oficiais e delatores, nas terras em disputa. Aqueles que ficaram, porém, combateram até em 1645<sup>6</sup> (10 anos após o primeiro contato), expulsarem de vez os novos invasores.

Avançando nos anos, encontramos São Lourenço da Mata em citação nova no ano de 1775, quando ganha a posição de distrito dividido em duas partes, “São Lourenço da Mata” e “São Lourenço do Sul”, respondendo aos municípios de Paudalho e Recife, respectivamente. É apenas em 10 de janeiro de 1890, que ganha título de município, através da lei provincial nº 1805. Em seu território, constavam a presença de três distritos:



Canhão encontrado casualmente no engenho Camorim, deste Município. — Relíquia da Campanha da Restauração Pernambucana.

Figura SEQ Figura \\* ARABIC 6.. Canhão da invasão Holandesa, hoje localizado na praça homônima, Centro. (Captura de tela, de: *História de São Lourenço da Mata*, 1981)

<sup>5</sup> Da expressão em latim *fillium ecclesiae*, “filho de igreja”, povoação do ponto de vista eclesiástico. (ROCHA, 2005, p. 340)

<sup>6</sup> Os Holandeses só saem em definitivo de Pernambuco e demais capitanias, no ano de 1654. O que mostra um adiantamento no combate de São Lourenço da Mata.

Um homônimo, outro que viria a chamar-se Matriz da Luz – nas terras onde em 1540 havia sido fundada a capelinha de Nossa Senhora da Luz – e a atual Camaragibe, que conseguiu independência definitiva em 1982.

## 2. Agora

A memória de um grupo social, aquela que Halbwachs (1990) chamou de memória coletiva, pode vir a falhar e se perder no correr interminável do relógio, criando



Figura SEQ Figura \\* ARABIC 7. Estação Ferroviária, hoje desativada e transformada em casa comum. 19--, IBGE

lacunas que, às vezes, só conseguem ser preenchidas com especulação. É dessa memória coletiva, que a história retira sua matéria prima. É através do preservado, não do que caiu para esquecimento, que a história – que apesar de seu discurso inicial, sobre imparcialidade e objetividade dos fatos, trata-se de uma ação humana, e em sua essência, evoca pontos de vista,

vivências, percepções, formas diversas de ser que, em nada caberiam ser chamadas de *imparciais* –

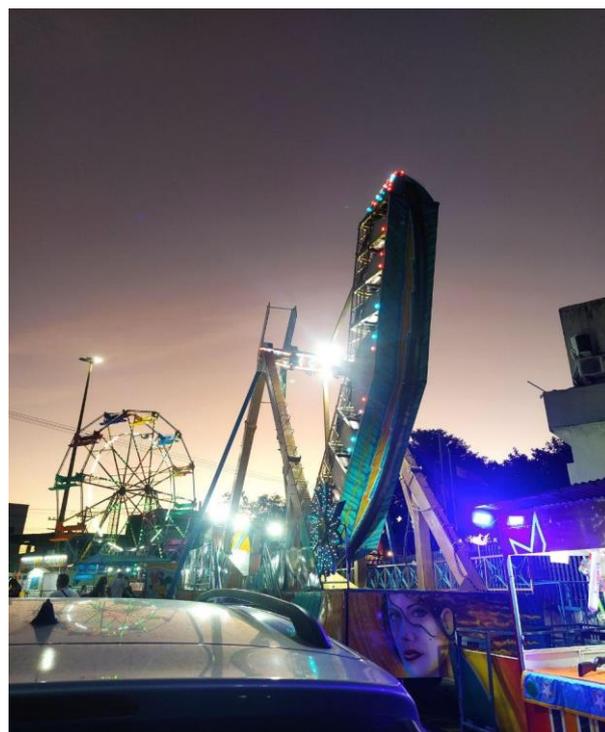
constrói seu discurso. Sob essa ótica, pesquisei em sites e livros e documentos históricos sobre minha cidade – havia esse plano, de investigar o que o governo municipal possuía em seu acervo, mas a prefeitura de São Lourenço da Mata, está em reforma... Impossibilitada de receber visitas, com seus gabinetes espalhados ao longo dos bairros – , sobre qual seria a história de São Lourenço, curiosa para saber quais memórias do lugar onde cresci (no qual criei minhas próprias memórias) haviam sido imortalizadas. Não sei se me sinto satisfeita, com aquilo que encontrei, ou daquilo que já sabia, mas costumava deixar adormecido em minha mente.

No presente século, São Lourenço da Mata conta com mais de vinte bairros e um distrito – Matriz da Luz nunca conseguiu sua emancipação, mesmo que não costume aparecer no *maps*, diante busca por “São Lourenço da Mata” – dos quais, sou moradora do Centro. Para além disso, detém a alcunha de “Capital do pau-brasil”, desde o plantio das mais de 100 mil árvores da espécie, na reserva Tapacurá, subordinada à Universidade



*Figura SEQ  
Figura \\*  
ARABIC  
8. Estação  
Ecológica  
Tapacurá,  
2016  
(grupo do  
Facebook)*

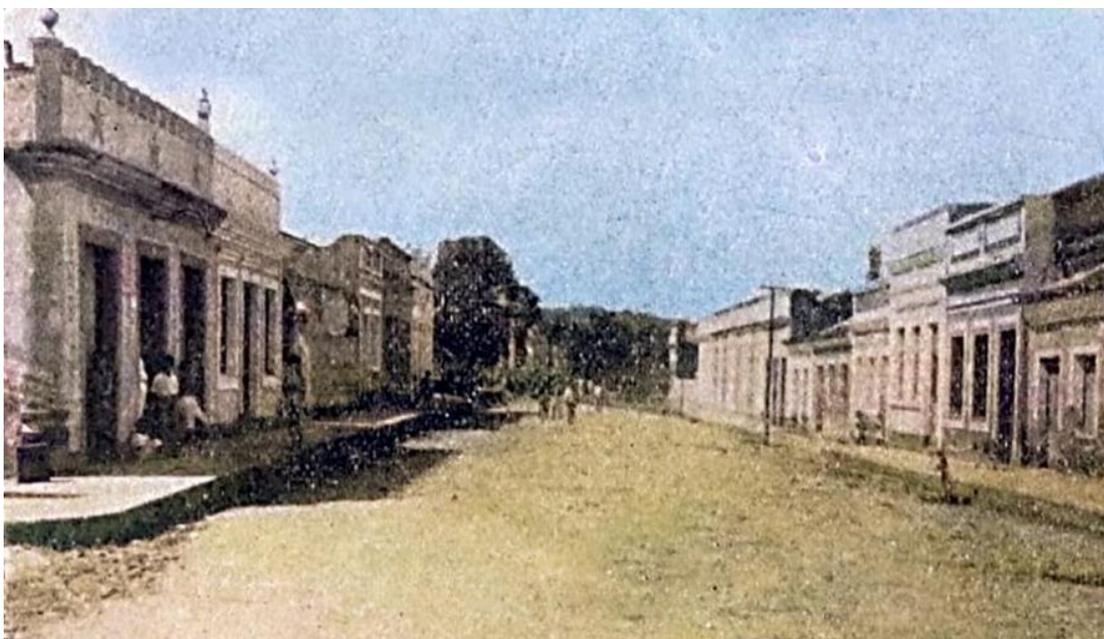
Rural de Pernambuco (UFRPE). Com população de cerca de 114.910 habitantes, segundo o censo de 2021, sua economia é baseada em grande parte no comércio – formal e informal. Em 2014, ainda que não conste como cidade sede da Copa do Mundo – esta sendo, oficialmente, Recife –, assistiu a construção de um estádio em suas terras, com promessas de empregos e melhoria de vida para população; quase nove anos passaram e o que há hoje é arquitetura em más condições, de difícil acesso e esquecido pelos moradores. Suas manifestações culturais mais intensas, envolvem blocos carnavalescos – como o “Quem não aguentar Corra” (desde 2013) ou a *laurisa* “Urso Branco de Cangaçá” (1978), tradicional do município – e em incentivo recente, grupos de Coco, Cavalo Marinho e Ciranda, tem buscado reavivar e incentivar artistas locais. O momento mais intenso, para a comunidade geral, porém, acontece em agosto (está acontecendo), em celebração ao aniversário do padroeiro da cidade, no dia 10 do mês citado. Tendo início no dia primeiro, até a culminância, a chamada “Festa de Agosto”, reúne desde crianças até a terceira idade, das tardes até bem de madrugada, fechando ruas e enchendo o ar do Centro com seus sons de comemoração.



*Figura SEQ Figura \\*  
ARABIC 9. Festa de  
Agosto, 2023. (Acervo  
Pessoal)*

Debrucei-me sobre a história, percebendo a presença de localidades que, em outros municípios, proporcionam fonte de renda através do turismo, para perceber que o

mesmo não acontece aqui. Mergulhei na trilha de memórias deixadas, porque achei que, se soubesse quem um dia foi São Lourenço da Mata, como surgiu e o que lhe aconteceu no passado, poderia apresentar melhor meu lugar. Mas, isso me levou ao questionamento, o que, afinal, *é lugar*? A palavra que é reverberada tantas vezes, em instâncias tão diferentes. “*Lugar de nascença*”, “*Lugar da arte*”, “*Lugar na sociedade*”... Mas, o que seria esse substantivo concreto? Para Canton (2009), lugares (no sentido mais físico e menos metafórico) se fazem a partir da interação daqueles que ali convivem, com o espaço que os cerca, e indicam “um espaço particular, familiar, responsável pela construção de nossas raízes e nossas referências no mundo” (p. 15). O que nos leva até *aqui*.



*Figura SEQ  
Figura \* ARABIC  
10. Principal  
avenida da cidade,  
Dr. Belmínio  
Correia - 1925  
(São Lourenço  
Minha História,  
facebook).*

Apenas digitar “São Lourenço da Mata”, na barra de pesquisa, não é o bastante para conhecer minha cidade. Ler sobre a história de sua formação, não é o bastante para conhecer minha cidade. Quanto mais penso sobre isso, mais reverbera a pergunta catalisadora de tudo em minha mente. *O que é a cidade de São Lourenço da Mata para seus habitantes?* Estou tentando conhecer uma nova São Lourenço, através dos olhos de outras pessoas. Mais do que isso, me propus, como pesquisadora e artista, em pintar a São Lourenço da Mata que existe, para seus moradores. Para isso preciso conversar com quem vive aqui... Então, foi exatamente o que fiz.

## A cidade que é vista... É aquela sentida

"Nada vejo por essa cidade  
 Que não passe de um lugar comum  
 Mas o solo é de fertilidade  
 No jardim dos animais em jejum  
 Esperando o alvorecer de novo  
 Esperando o anoitecer pra ver  
 A clareza da oitava estrela  
 Esperando a madrugada vir  
 E eu não posso com a mão retê-la  
 E eu não passo de um rapaz comum  
 Como e corro, tráfego na rua  
 Fui graveto no bico do anum  
 Vez em quando sou dragão da lua  
 Momentâneo alienígena [...]  
 A pessoa que você mais ama"

(*Jardim das Acácias II – Zé Ramalho, 1997*)

Na alta madrugada, antes que os primeiros *flashes* dourados surjam no horizonte, galos cantam chamando por um novo dia, interrompendo o vazio silencioso dos que dormem, quebrando o ritmo monótono dos veículos que, às vezes, zunem pelas ruas vazias. É assim que São Lourenço da Mata desperta. Uma névoa pálida envolve as ruas e o mormaço, tão familiar dos quentes dias, ainda não alcançou espaço. Ainda faz uma friazinha matinal boa – daquelas que te faz querer ficar na cama, cobertas engolindo o corpo, mente relaxada, sono profundo – , mas já é possível dizer que esquentará logo, pela densidade do nevoeiro e pelo canto dos pássaros. Ônibus começam a rodar com mais frequência. São, pelo menos, oito linhas que fazem a conexão entre meu município e o Terminal Integrado de Camaragibe. São oito linhas que levam são-lourensenses de todas as idades, a toda sorte de lugar. A cidade acorda cedo assim, e aqueles que nela vivem, em vários casos, também o fazem. Uma parte da população não trabalha nem estuda no município. Uma parte da população precisa deslocar-se até as cidades vizinhas, para consultas médicas, compras de supermercado, escola, faculdade, trabalho, manutenção de um *status* estável de vida. Minha cidade, ao alvorecer, é quieta e suave, com brisa fresca e tons quentes belíssimos, mas os anos passaram e a urbanização de São Lourenço, enquanto aconteceu, não proporcionou aos seus habitantes as oportunidades para permanecerem e construírem suas vidas aqui.

Uma das principais discussões em *Pensando o Espaço do Homem*, proposta por Milton Santos (2012), é sobre o uso do *espaço*. O que ele apresenta como “nome dos

resultados da intervenção humana sobre a terra, é formado pelo espaço construído que é também o espaço produtivo.” (p.29, 30). Nesse sentido, ele debate a ideia de que quem se coloca como proprietário do espaço, em abundância e dentro do capitalismo, exerce poder sobre outros, em geral, às custas do bem estar alheio. O recorte político com fronteiras bem demarcadas, que hoje se conhece por São Lourenço da Mata, sofreu com uso indevido de seu espaço desde o começo. Provocando um efeito dominó, que nos traz ao presente, um município dito por aqueles que nele vivem, como sendo dormitório onde se diverte apenas uma vez por ano, não se ambiciona trabalhar (grande parte de sua renda, é concentrada na administração pública em geral, trabalho fabril e no comércio<sup>7</sup>), não se vive, apenas se existe.

Não trago essa percepção como uma verdade irrefutável, mas como algo que ouvi durante toda minha vida. Como conversas, entre amigos e familiares, sobre suas frustrações em ter de sair daqui em busca de melhores oportunidades. Digo isso, pelo cedo acordar e cedo adormecer de São Lourenço, porque os que retornam, estão cansados demais para fazer qualquer coisa além de dormir. E o que mais teria para se fazer, na maior parte do ano, se os estabelecimentos funcionando até mais das 22h, em geral, são igrejas e hospitais?

Mas, essa é a São Lourenço da Mata que eu vejo. É a metamorfose dela, que cresce em meu peito, e costumo fundamentar com a consciência de que apenas 9,3%<sup>8</sup> da população tem carteira assinada, de um todo que ultrapassa 111 mil<sup>9</sup> pessoas. A cidade que existe e a cidade que percebo, já foram elucidadas. Para desvelar os demais aspectos desse tal lugar, paradoxalmente abstrato e físico, me propus a elaborar perguntas, apenas três delas, e oferecê-las a outra tríade, desta vez de pessoas, residentes de São Lourenço da Mata. Para através delas, tal qual sugerido por Halbwachs (1990), revisitar “como se abordássemos um caminho que percorremos outrora mas [...] encarássemos de dentro de um outro conjunto, constituído por nossas representações do momento. Parece que chegamos num novo caminho.” (p. 32)

Tenho esse apreço pelo número três desde que era criança e que só ganhou força ao ler, “As coisas estão sempre crescendo em três ou diminuindo para três.” (Stiefvater, 2016, p. 283). O que me passou essa sensação de: começo, meio e fim, e então tudo

---

<sup>7</sup> Estes são os setores que mais empregam no município. Segundo o censo de 2021, do IBGE, apenas 10.364 pessoas têm carteira assinada na cidade, e renda de até dois salários mínimos. A expressiva maioria de são-lourensenses, sobrevive através do trabalho informal.

<sup>8</sup> Segundo censo de 2020.

<sup>9</sup> Segundo censo de 2022.

novamente – “Três [...] é um número muito forte.” (*Ibid.*, 283). Minha predileção levou-me até mesmo, a escolha das idades entre os entrevistados. Como sendo eu mesma, moradora do município desde os primórdios de minha existência, e tendo minha família (por mãe e pai), mudando-se do interior do estado para cá, alguns bons anos antes de meu nascimento, não foi o que se pode chamar difícil encontrar voluntários. Pensei comigo mesma, elaborando os critérios, para fazer sentido com todo objetivo da pesquisa: precisa morar aqui, estar em constante contato com o espaço da cidade; não pode ser uma moradia recente; preferencialmente, que tenha crescido dentro dos limites políticos do município; ser de diferentes faixas etárias e com diferentes ocupações de vida; e, que tenham em comum, além da localização residencial, algum grau de proximidade comigo, a pesquisadora.

Foi assim, que acabei escolhendo minha avó, Estefânia (a qual, carinhosamente chamo de vovó Ester), no alto de seus 84 anos; meu amigo de infância, Elivan, com recém completos 23; e minha prima mais nova, Carol<sup>10</sup>, de apenas 10 aninhos. Guiando-me pela entrevista narrativa, que estima acima de tudo o “ato de revelar o modo pelo qual os sujeitos concebem e vivenciam o mundo.” (Cabral e Sousa, 2015, p. 150) através da incitação “por questões específicas, a partir do momento em que o narrador começa a contar sua história, conservando ele próprio a fluência da narrativa.” (*Ibid.*, p.154), elaborei as três perguntas e convidei-os a participar da pesquisa, explicando o tema e oferecendo meus objetivos. As reações mostraram-se diversas desde o contato inicial.



Carol, olhou-me desconfiada, como quem, em silêncio e no breve mover de sobancelhas indaga: “Mas, por que eu?”. Sendo treze anos mais nova que eu, ela ainda frequenta o ensino fundamental da escola regular, e o faz numa instituição particular, de bairro, aqui em São

Lourenço mesmo. Quando perguntei se poderia me ajudar com uma pesquisa, para meu trabalho final da faculdade, sua concordância veio tardia e tímida, em nada me lembrando a criança enérgica e de personalidade forte, que ela é. O próximo passo, foi procurar sua mãe (minha tia) e repetir o convite. Ela, ao contrário da filha, não foi relutante. Autorizou

---

<sup>10</sup> O uso de todos os nomes dos colaboradores da pesquisa foi autorizado pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

de pronto a participação, e ainda brincou comigo, sobre futuros ganhos, caso a pesquisa fosse financiada. Com tudo acertado, alcancei os instrumentos necessários para realização da entrevista (caderno, caneta e celular), e segui ao encontro de Carol. Lembro-me de estar nervosa. Minhas mãos suavam, e enquanto esperava que ela terminasse seu lanche da tarde, tentei, sem sucesso, distrair-me brincando de restaurante com nossa outra prima. O intervalo de minutos, se fez sentir em horas, para mim. Quando enfim dei *play*, poderia dizer que um dia inteiro havia transcorrido. As respostas dela, apesar de curtas, foram todas sobre tentativa de eloquência diante do gravador funcionando, e terminaram rodopiando ao redor de sua casa, sua família. Na, agora, veloz passagem de tempo, Carol me ofereceu comentários rápidos, sem longas reflexões, sobre a cidade a qual, até aquele momento, ela nunca tinha se permitido pensar muito sobre.

Não tenho certeza de que expressão Elivan, o segundo entrevistado, estava fazendo no momento da proposta, visto que todo trâmite de organização, com ele, deu-se por *WhatsApp*. Nos conhecemos há pouco mais de dez anos, desde que frequentamos a mesma escola, no Ensino Fundamental 2, aqui em nossa cidade. A proximidade, contato praticamente diário, perdurou até o Ensino Médio, quando dividimos a mesma sala de aula novamente, dessa vez em Camaragibe. Na contramão, desde nossa formatura em 2017, poucas foram as vezes que nos encontramos por longas horas. Tornamo-nos presenças distantes, na história um do outro, tendo notícias esporádicas via redes sociais. Eu sabia, por exemplo, de seu ingresso na UFPE, para o curso de Engenharia Civil. Também tinha conhecimento, sobre as trilhas de bicicleta, que começara a fazer em fins de 2020 e não havia mais parado. Nada disso, porém, me fez relaxar. Na hora e dia marcados, por exemplo, cheguei a pensar que vomitaria, tamanha ansiedade. Combinamos a entrevista em uma loja de *milkshakes*, localizada no Centro de São Lourenço, pouco distante de minha própria casa. A espera quase me fez roer as unhas. Quando chegou, estacionando a bicicleta na frente do estabelecimento, ele foi todo sorriso, o que inundou-me de nostalgia. Sentamos, ao canto e lhe ofereci um *milkshake*, que ele educadamente recusou. Acionado o *play*, obtive respostas pensadas com mais dedicação, que me pegaram, em alguns momentos, genuinamente desprevenida. Com o pano de fundo cacofônico, da avenida ainda



movimentada, devo ter esquecido que aquilo era parte da pesquisa porque passei, apenas, a conversar com um velho amigo.

Vovó Ester foi a última entrevista que realizei. Não consigo explicar o motivo de ter demorado tanto para ir até ela, mas demorei. Perguntei a meu padrinho, seu filho, várias semanas antes, se ela ficaria confortável em fazer tal coisa, sua resposta foi um animado sim. Numa tarde especialmente quente, então, fui até sua casa, localizada na rua Joaquim Nabuco, popularmente conhecida como Rua do Rosário, para perguntá-la, enfim, se estaria tudo bem. Cheguei na hora de um almoço tardio. Conversamos um pouco sobre a faculdade, seus exames, muitos gastos em remédios e dificuldades de locomoção.



Quando enfim liguei o gravador, mais de uma hora havia se passado e, por um segundo, eu tinha esquecido que aquilo deveria ser uma entrevista e não uma simples conversa. Sentada em uma velha cadeira de ferro, ao lado de uma velha senhora, banhada pela luz de uma velha estrela, fui tragada numa viagem para um tempo longínquo, gravado com carinho na curva de um sorriso enrugado e na sabedoria de olhos lacrimejantes.

É sabido que, “a história resiste ao tempo; o que não pode a memória.” (Achard *et al.*; 1999, p.26), e de fato, diante da não preservação memorial, culturas inteiras são apagadas, como se jamais tivessem existido. Mas é justo dessa memória, frágil e perene, que a história, imortalizada através do advento da escrita, retira sua matéria prima. É, também, seguindo a trilha das memórias de Carol, Elivan e vovó Ester, que pretendi conhecer o lugar que cada um deles, chamava de São Lourenço da Mata, e minha bússola figurativa, foram as perguntas feitas para incitar o resgate dessas memórias.

### **1. O que é São Lourenço da Mata, pra você?**

No ano de 1995, durante uma palestra na Universidade de São Paulo (USP), para debate de seus trabalhos, Santos afirmou que a "paisagem, se dá como um todo de representação, mas ela não representa o todo". Sugerindo uma fragmentação da paisagem, ele indica que aquilo que vemos é um pedaço do que existe, que “De um modo ou de outro, temos tendência de negligenciar o todo; mesmo os conjuntos que se encontram em nosso campo de visão nada mais são do que frações do todo.” (Santos, 2012, p.35). Isso

nos dá, de pronto, o impulso para a realização dessas perguntas. São Lourenço da Mata, é meu todo, mas o todo que tenho de São Lourenço da Mata, não é ele *inteiro*... Os demais fragmentos, que compõem o vitral de minha cidade, encontram-se tanto nos que vivem aqui, quanto naqueles que aqui passam. Para essas pessoas, existem diversas cidades, nomeadas como a minha, mas que não necessariamente *são* a minha. Ter essa ciência, porém, não me dá indícios de que cidades seriam essas, de que “todo” seriam esses fragmentos. Aí surge, a necessidade de filtrar e semi-estruturar uma entrevista, para alimentar minha busca, para indicar caminhos à pesquisa. "O que é São Lourenço da Mata, pra você?", foi a forma mais simples, e direta, que encontrei para perguntar: "Qual o fragmento, do todo de São Lourenço da Mata, que você possui?".

Minha objetividade em questionar, foi recompensada com uma resposta tão objetiva quanto, da parte de Carol. No intervalo de dez segundos, entre finalização da frase e assimilação das palavras, ela me devolveu:

*“Uma cidade muito legal... O lugar que fica minha casa. Um lugar muito bom, também, pra se viver. É isso que eu acho!”* (Depoimento de Carol, 11/07/2023)<sup>11</sup>

O foco dela caiu naquilo que lembrava estar localizado em São Lourenço. Tendo como maior referência a própria casa, destacando o espaço habitado, do viver, onde são construídas as primeiras relações sociais do humano. A preservação, da memória durante a infância, se dá por meio de associações entre referências que foram e aquilo que permanece no presente. Uma manutenção da existência, como pontes conectando aquele passado e esse presente, assim dando sentido. Também sobre o tema, Oliveira (2009) destaca a existência de uma relação muito estreita entre *lembrar* e *esquecer*. Nesse ciclo sem fim, a memória infantil, defende Halbwachs (1990), toma por base a comparação. Mais do que um impacto, para definir a manutenção de tal lembrança, é preciso que algo, ou alguém, sirva de *monólito* referencial. Para o autor, isso se dá pela socialização em processo das crianças. O que Carol toma por monólito, por seu ponto comparativo, é o próprio lar. São Lourenço, a cidade, tem ares de benevolência para ela, porque sua casa assim o faz. Tal qual um eco.

A ideia de um monólito, que compara e serve de guia para preservação de determinadas memórias, não é visto no caso de Elivan, que evoca a importância histórica

---

<sup>11</sup> Nos trechos dos depoimentos tomei liberdade, de extrair os vícios de linguagem comuns à oralidade. O fiz, na intenção de melhorar a fluidez do texto.

do município, que se preocupa com preservação ecológica, a qual define por intensa (a Estação Ecológica Tapacurá, reservas na estrada do *Tip*, terrenos baldios espalhados ao longo de todo município e presença de áreas rurais, com sítios e chácaras, seriam os tais pontos verdes, a que se refere). No caso, em suas palavras mesmo, a cidade lhe é:

*“[...] bem antiga, e bastante importante. Até porque teve um grande feito histórico aí, nas separações entre São Lourenço e Camaragibe. É uma cidade bastante verde, muito grande e com bastante habitantes. E a preservação daqui é muito boa.”*

(Depoimento de Elivan, 12/07/2023)

Santos (2012) define a paisagem como imutável, e a ela refere-se no sentido e visão de geógrafo, como aquilo que se vê, aquilo que está lá. Mas, como vinda do campo das artes visuais, adiciono a esse conceito da paisagem fragmento, aquela que se *sente*, o que constrói o ver. O mundo, e a forma como o enxergamos, nasce do modo como *sentimos*. E isso não é imutável. Então, apesar da paisagem física ser nos dada, e de estar lá, para assimilação de diferentes ângulos, ela também é a que será sentida, mediante as diversas formas de interação com o espaço, que cada um possui. É nisso, que o próprio Santos (2012) afirma que “*paisagem*” e “*espaço*”, são diferentes conceitos. O primeiro está, de certa forma, subordinado às atuações do segundo. Essa natureza imóvel, da paisagem, teria choque com o “casamento indissociável” entre ação, objetos e ideias, que ocorrem na paisagem. O espaço seria, então, a paisagem *fruída*.

Os objetos, a comparação, o verde que luta para permanecer, séculos após a invasão e descuidada urbanização... É um pouco engraçado, como tanto Carol, quanto Elivan, destacaram aspectos de São Lourenço, ao tentarem definir o que ele significa. Como se, para melhor se expressarem, fosse preciso reduzir, focar. E uso esse termo, “*engraçado*”, na ideia de sensação surpresa, que te rouba um risinho frouxo, de choque. Uso a analogia, no prenúncio de que, em divergência a ambos, vovó não tentou repartir. Em seus anos de experiência, na sabedoria de sua velhice, não precisou focar. Vovó Ester expandiu. Olhou-me direto nos olhos e disse:

*“É tudo. Pra mim, é tudo. São Lourenço da Mata é tudo. Entendeu, minha filha? Porque foi aonde eu vim ter paz e sossego na minha vida. Eu num fui feliz na minha terra. Não vou dizer a você, que aqui eu fui muito feliz na minha vida, porque tem os altos e baixos, num é isso? Tem as consequências... Num é isso? Que aqui eu perdi meu velho,*

*perdi meu filho que eu criei, perdi... Foi filho adotado esse. Que eu criei e perdi. Veio também as consequências pesadas e doença disso, aquilo outro... Mas lá, eu sofri muito mais. Que eu perdi minha mãe muito nova. Aí pronto. Eu fiquei sofrendo, embolando. Por causa de um e de outro, trabalhando na casa dos outros. Aqui eu conheci meu velho, me casei, tive meus filhos.”*

(Depoimento de vovó Ester, 01/08/2023)

Arrepiei-me, inundada por emoções, coração acelerado e enfim compreensão completa do que Bosi quis dizer com,

A narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a *sua* memória. O simples fato de lembrar do passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista.”

(Bosi, 2023, p. 72 e 57)

Não houve, em mim, uma tentativa, ou mesmo inclinação, para juízo de valor com as formas de percepção e evocação da cidade, entre entrevistados. Respostas e destaques distintos, partiram de pessoas distintas. Mas a singularidade, na abrangência de vovó Ester, em contraste com as fragmentações de Carol e Elivan, concretizaram a dinâmica – apresentada pelo antropólogo francês Marc Augé em seu livro: *Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade* (2012) – entre lugar e espaço. Indicaram como, na fissura entre ambos, surgem os chamados *não lugares*. Contemplar a performance desse exemplo, levou-me ao questionamento seguinte.

## **2. Qual o lugar mais importante, pra você, em São Lourenço da Mata?**

O valor dos objetos é dado pelo espaço. Não posso, apenas, dizer que tal rua, ou praça, ou ônibus, ou manifestação cultural, é importante, que tem extremo impacto, para São Lourenço da Mata, sem me atentar ao valor dado pela sociedade local, a estes. Nesse espaço, nesse fragmento que somatiza ação e objeto, é que se erige a relevância de um lugar para sua comunidade. É por isso que Santos (2012) afirma, que a paisagem, está congelada, e subordinada ao espaço, ou seja, ao que o viver presente, imputa sobre ela.

Mais uma vez, para Carol a questão voltou-se para sua casa, seu lar, *locus* acolhedor e afetivo. Como ela mesma diz:

*“A minha casa! Que é o lugar que eu... Eu como! Principalmente, eu durmo, passo tempo com as pessoas que eu gosto... Minha família, meus familiares e é isso.”*

(Depoimento de Carol, 11/07/2023)

Pensar na cidade, porém, é mais do que pensar em suas construções arquitetônicas. Se trata de, pensar nas políticas de convivência, na sociabilidade construída, nos instrumentos capacitores da orientação daqueles cidadãos no ambiente, de modo que ele deixe de ser estranho e passe a ser familiar. Estudar a cidade, é procurar a soma e o excesso, o casamento de influências, memórias, que surgem na infância, mas que ganham contornos naturais tão intensos na vida adulta, que, sequer precisam de pensamento profundo para serem evocadas. O que chamamos de memória-hábito, que “faz parte de todo o nosso adestramento cultural.” (Bosi, 2023, p. 51)

Elivan, por exemplo, escolhe por destaque não exatamente o lugar por quem ele é, mas por aquilo que *representa*:

*“O centro. Porque é por onde todo mundo passa, né? É quando ir sentido interior, ou sentido Recife. E todo mundo vai ver um pedaço de São Lourenço no Centro. Uma grande parte.”*

(Depoimento de Elivan, 12/07/2023)

Assim, percebo que a centralização de espaço, é onde a vida acontece. O lugar, por sua vez, se apresenta como espaços onde se desenvolvem relações mais profundas com esses, onde há produção de simbologia. Isso denominamos *lugar*. Na face contrária, da figurativa moeda, está o *não lugar*, produto do que Augé (2012) chama de *supermodernidade*. Estes seriam, espaços intercambiáveis, onde humanos permanecem anônimos, que não possui relevância suficiente, para se tornar um *lugar*. Não possuem camadas de significado, são corredores de passagem, que ligam os lugares e, em geral, ninguém tem um relacionamento muito grande com eles por serem destituídos de qualquer característica específica, que os permita associar a um espaço geográfico ou constituírem identidade própria. São *assimbólicos*.

Em contrapartida, o lugar é espaço de produção interativa. Seja através de modo histórico, temporal ou pessoal. São nesses espaços com especificidades, a quem conferimos caráter de valor que Santos (2012) vai grifar como sendo “formas com vida própria [...]” (p. 57). Se para Elivan, a importância era dada a partir do grau de passagem,

pelo centro da cidade, para vovó a relevância se mostrou na permanência. Como ela mesma me disse:

*“Qualquer lugar? A minha rua, essa. Eu gosto é muito. A Rua do Rosário, como era antigamente, hoje é Joaquim Nabuco, né? Mas era a Rua do Rosário. Pronto, eu fui muito feliz aqui. Tô feliz... Agora, tenho uns altos e baixos, porque a gente não pode ser feliz assim... Porque eu perdi meu marido, isso aquilo outro... Mas eu sou feliz, viu? Eu aqui, eu me sinto bem, viu? Daqui eu não saio, daqui ninguém me tira. Como diz a história... Aqui é minha moradinha, e daqui só saio pra minha última morada. Pronto.”*

(Depoimento de vovó Ester, 01/08/2023)

Essa necessidade por estabilidade, foi percebida e relatada por Bosi, como fazendo referência ao

conjunto de objetos que nos rodeiam. [...] Mais que um sentimento estético ou de utilidade, os objetos nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, a nossa identidade. Mais que da ordem e da beleza, falam à nossa alma em sua doce língua natal. (Bosi, 2023, p. 458)

É a familiaridade, produtora da sensação de pertencimento, quem conduz essa vontade por permanência, essa fuga das mudanças drásticas, tão naturais na vida, justo após tê-las em excesso. Tanto Carol, quanto Elivan, quando perguntei após as gravações, mais por curiosidade que tudo, se tinham intenção de permanecerem aqui em São Lourenço por toda vida, mostraram-se desprendidos de suas raízes. Neles, não surgiu o apego de vovó. Para eles, não faria tanto mal, mudarem de município. Perceber esse desprendimento, em ambos, heterogêneo a estima de vovó Ester, deixou-me mais atenta a como resolveriam a questão final, e o que, dessa vez, escolheriam destacar.

### **3. Como você apresentaria a cidade de São Lourenço da Mata a alguém que nunca esteve aqui, que nunca a viu?**

A cidade é evocada por pedaços. Fragmentada diante da visão de seus moradores, aos poucos vamos enxertando as partes desse grande *megazord*<sup>12</sup>, que é São Lourenço.

---

<sup>12</sup> Robô gigante da franquia *Power Rangers* (1993 – Presente). Era formado a partir da união dos cinco heróis, diante de uma força que não eram capazes de enfrentar separadamente. Aqui, a analogia vem do fato de que, cada *Power Ranger* tinha poder e autonomia, quando separados, mas, ao unirem-se no *Megazord*, mostravam o todo. Partes distintas, encaixadas em composição.

Cada um à sua maneira, sem muitas travas, ou mesmo perceber o que estavam fazendo (não chamei atenção ao fato, e até o momento, também não havia notado sua presença), os entrevistados vestiram-se como guias e elencaram aquilo que consideravam mais importante, de primazia para ser mostrado, sobre o ambiente que lhes envolviam.

De todos, Carol foi a única que manteve-se quase por inteiro no campo da abstração, naquilo que ela deve ter entreouvido ou apenas imaginado por si mesma. Assim ela disse:

*“Uma cidade muito boa, pra se viver... Que tem várias oportunidades de emprego também... E um lugar que é bom, pra você se construir uma família, ou ter uma casa... É isso.”*

(Depoimento de Carol, 11/07/2023)

Não prolongou-se muito, e como em suas outras respostas, esta acabou girando em torno da família, sua principal referência de positividade. Elivan, por sua vez, trouxe mais de sua preocupação ecológica, como é possível perceber:

*“Como já puxei na primeira pergunta, é uma cidade bastante natural, tem uma grande parte da cidade que é área verde e eu acredito que é a galera que costuma preservar essa parte, principalmente nas partes da cana, que tem até... Uns lugares que é até bem legal de se visitar... Os açudes, têm... Grande parte dos pontos históricos de São Lourenço são pontos verdes, né? Então, pra mim, é uma cidade preservada.”*

(Depoimento de Elivan, 12/07/2023)

Foi concreto em citar detalhes da paisagem municipal, somando a isso indicações dos lugares onde esse suposto visitante, poderia encontrar focos verdes. Vovó Ester, porém, se fez amálgama de ambos. Disse-me sobre as ruas, sobre a igreja. Também sobre pacificidade e calma, como ambas eram importantes, nesses tempos de tanta insegurança. Suas palavras foram:

*“Nunca viu a cidade antes? Bem, eu poderia sair apresentando a cidade todinha, né? A pessoa que me procurasse assim, ia explicando como era, como era bom de viver. Sim, dando uma explicação que aqui é um lugar muito bom de se viver, viu? Não tem muita agitação, viu?”*

*Eu acho. Eu acho um lugar calmo, porque você sabe, coisas erradas até em todo canto [...] quando vem acontecer coisa aqui, demora. E aí em outros lugares por aí é todo dia, é crime e tudo quanto é coisa, né? E por isso eu digo eu acho aqui calmo. Eu acho. Não sei lá fora, porque São Lourenço também é grande, né? Mas, aqui nessa rua, aqui e por aí por perto, as coisas são calmas, viu? Porque a gente sabe de cada absurdo, minha filha. É absurdo quando a gente liga a televisão, que só vê coisa errada... É crime... Óie, pense viu? Num gosto nem de ver!”*

(Depoimento de vovó Ester, 01/08/2023)

Paradas as gravações, descansada a caneta e fechado o caderno, ainda me permiti conversar com os três um pouco mais. Queria tanto prolongar a sensação do que ali se fazia, mesmo que não soubesse indicar o que ela significava, quanto tentei capturar qualquer detalhe fugido de suas observações sobre o ambiente em seus entornos. O que ficou, então, foi a noção de que a única semelhança discursiva entre ambos, foi ao apontarem como local mais importante, aquele que imediatamente lhes cercava. Carol disse que era sua casa, na qual estávamos. Elivan apontou o Centro, que nos envolvia. E vovó Ester indicou a velha Rua do Rosário, que lhe ofereceu o lar que ela tanto apreciava. Distintos, porém iguais. Tão diferentes, sim, de qualquer resposta que eu mesma teria oferecido para os questionamentos. A tríade de voluntários, tomou-me pela mão, conduzindo para a cidade que era deles. De certa forma, eu fui a pessoa que nunca a havia visto.

Ao cair da noite, no esconder rasante do sol e no surgir tímido, das poucas estrelas capazes de competir com os excessos da iluminação urbana, oito linhas de ônibus deixam a integração de Camaragibe, com destino a São Lourenço da Mata. Nenhum de meus entrevistados costuma realizar esse percurso, por opção, no caso de Elivan que se locomove sobre duas rodas movidas a esforço físico; por falta de necessidade, para Carol, que tem sua vida resumida aos limites da cidade, e que, quando surge a necessidade de rompê-los viaja de carro, com seu pai; e por difícil mobilidade, com vovó Ester, que, diante da idade avançada e ademais comorbidades, não aguentaria o caos do transporte público. Muitos outros o fazem, porém, espremendo-se em veículos coletivos caros, nem um pouco confortáveis e com grandes chances de quebrar antes de chegarem às suas

casas. Ao surgir da lua, sob o luar prateado, centenas de são-lourensenses retornam para suas residências, na peregrinação diária que a falta de oportunidades de emprego, ou estudos específicos, os empurra a realizar. Porque, de algum modo, se mora cada vez mais em São Lourenço da Mata, mas se trabalha cada vez menos, em suas vastas terras, protegidas pelo homem que riu em meio ao fogo<sup>13</sup>.

Cai a noite, volto para casa, ouço-me em diálogo sobre minha cidade, de novo e de novo e de novo. Respiro fundo, coloco fones de ouvido, aciono minha *playlist* favorita, alcanço lápis e papel... Começo a rabiscar.

---

<sup>13</sup> O santo Lourenço, para a cultura católica, foi canonizado após sua execução durante a perseguição de Roma contra os cristãos. Diz-se a história, que ele foi colocado sobre uma grande frigideira e assado vivo. Mas que, por sua grande confiança em Deus, não teve medo e ainda sorriu para seus algozes, fazendo chacota ao dizer que podiam virá-lo, pois o lado em contato com o fogo, já estava bem assado.

## A cidade pintada

*“Sei de um lugar  
 Bom como o quê  
 Em que um rio corre manso até onde se vê [...]  
 Posso jurar, este lugar  
 É especial, um outro igual não se pode achar  
 Além disso tudo  
 Não pago aluguel  
 No meu lindo pedacinho do céu”  
 (Nem que a Vaca Tussa, 2004)*

Em um passado não muito distante, me pegava tendo essa mania de definir meu processo criativo – que fazia (faz) referência ao campo das artes visuais, especialmente a ilustração tradicional – como sendo semelhante, ao de quem compõe uma música. Ainda resguardo, o impulso que me jogava nesse tipo de declaração cheia de margens erradas, mesmo entendendo nada sobre ritmo e menos que nada, sobre como compor uma música. Parecia-me, lá nesse passado recente, que construção de melodias, dizia respeito a processos organizados, a estruturas bem definidas, caminhos concretos pelos quais se fazia necessário seguir, caso se quisesse chegar em algum lugar. A essa sistematização, a noção de controle firme e rígido, culpo minha comparação ignorante.

Mesmo hoje, possuo um total de zero domínio sobre técnicas sonoras, mas, ao menos, tenho consciência de que nenhum processo de criação é engessado. Não há um caminho único, pelo qual percorrer na produção artística. Na verdade, existem vários. Incontáveis. Sobre eles, conversaram diversos autores, alguns com enfoques de expressões artísticas específicas, outros mais ampliados, propondo experimentações do que funciona, ou não, para determinado artista, não para determinada linguagem da arte. No presente próximo, sou incapaz de objetivar qual é o meu processo criativo geral. Quais seriam os cacoetes e percursos que tomo, todas as vezes em que me embrenho na aventura que é criar. Não consigo afirmar com exatidão o que faço constantemente, pois jamais me detive nessa observação. O que posso fazer, porém, aquilo que de fato fiz, foi observar a mim mesma na fluência criativa das *três* obras, nascidas das *três* entrevistas.

No intervalo entre semanas e meses, desde o princípio da pesquisa, até a finalização das obras, forcei-me a estar atenta em mim mesma, nos caminhos que escolhia. Dei meu máximo para fuga da imprudência, do acaso que costumo deixar invadir minha vida criativa, na maior parte dos últimos tempos, quando tenho produzido mais para *livrar-me* de mim e menos para criar *além* de mim – um aspecto não sobrepõe

o outro, são apenas focos de atenção diversos, que costumo tomar diante da organização da vida. Épocas diferentes, pedem atitudes diferentes. Com isso não quero dizer, que meticulei cada passo antes de ser tomado. Apenas me mantive atenta aos sinais, me oferecidos de bom grado, daquilo que me impulsionava. Do que estava movendo meu corpo, minhas ações, minhas técnicas e materiais, naquela direção.

Como dito por Fayga Ostrower (1920-2001), artista e pesquisadora brasileira:

As intenções se estruturam junto com a memória. São importantes para criar. Nem sempre serão conscientes, nem necessariamente, precisam equacionar-se com objetivos imediatos. Fazem-se conhecer, no curso das ações, como uma espécie de guia aceitando ou rejeitando certas opções e sugestões contidas no ambiente. (1987, p.18)

Minhas intenções foram colocadas sobre a mesa figurativa, como cartas de um baralho, desde o começo da pesquisa. Um dos objetivos, com todas as análises e leituras e entrevistas, foi a produção de obras capazes – ou tendo a intencionalidade de serem – de espelhar a cidade vista, e descrita, por seus habitantes. Apesar de como soa, desse pêndulo para impessoalidade, acredito que nenhuma obra de arte tenha em si a habilidade de ser impessoal, objetiva, apática. Perderia-se o sentido, de qual função teria a arte, para nossa sociedade. E, sim, é bem sabido que este é um campo de amplas definições, mas para diálogo comigo, trago as palavras de Kátia Canton (2009), ao pronunciar:

E para que serve a arte? Para começar, podemos dizer que ela provoca, investiga e estimula nossos sentidos, descondicionando-os, isto é, retirando-os de uma ordem preestabelecida e sugerindo ampliadas possibilidades de viver e de se organizar no mundo. (p. 12)

Foi assim que busquei manter um método semelhante para as três obras a serem feitas, dividindo-o em algo como:

- a) Ouvir novamente as entrevistas realizadas;
- b) Esboçar as primeiras ideias imagéticas;
- c) Buscar referências;
- d) Produção de um modelo em menor escala, do que constaria na obra;
- e) Escolha da paleta;
- f) Acionar minha *playlist* favorita de músicas;
- g) Ampliação desse modelo, para o tamanho A3.

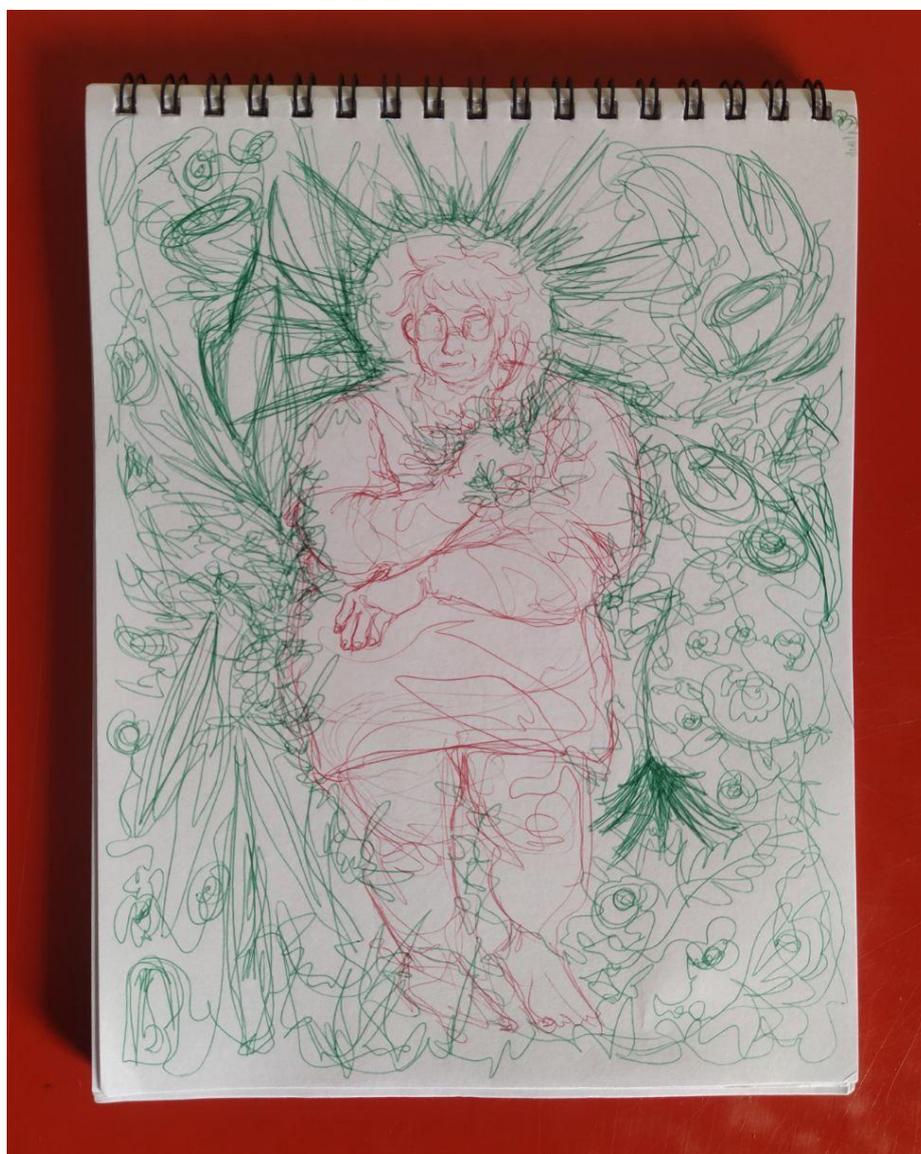
Apesar do expressivo número de passos, foi necessária essa organização para tornar viável a execução das obras. Diante do contato da primeira ideia com o papel, no surgir de seus primeiros traços e ao contorno de suas formas seguintes, a repetição do mesmo nos demais pareceu apenas lógica, diante do sucesso inicial.

Acionando uma barreira figurada, separando-me do mundo exterior, um *looping* caótico e encantador indo desde Zé Ramalho até a trilha sonora de Barbie (2023), separei uma pequena pilha de folhas de ofício, tamanho A4, meu lápis 6B, cada dia menor, e minha borracha rosa favorita. Essas preliminares para desenhar, são mais familiares. A essas, não exatamente detenho-me em sistematizar, elas apenas vêm, com intuitiva familiaridade, estando a intuição “*na base dos processos de criação.*” (Ostrower, 1987, p.56). É mais fácil ter ideias imagéticas, quando estou distraída por melodias, não atenta a conversas, ou enredos. Por isso a *playlist* escolhida era curta, apenas quatro músicas, e reiniciava todas as vezes em que encontrava seu fim. Gosto da ideia de uma trilha sonora, embalando meus trabalhos, e de que o ritmo tenha, de alguma forma, ligação com o produzido, talvez tanto quanto a teoria construída ao longo da pesquisa.

Na temática geral, pensei em trabalhar com excesso de elementos harmonizados e com molduras interativas com a imagem, sendo elas mesmas parte da composição, não apenas limites de até onde as formas estariam indo dentro do papel. Queria que me ajudassem a contar aquela história, das cidades que havia descoberto e daqueles a quem elas pertenciam. O problema, claro, foi que enquanto admiradora desse estilo de trabalho, pouco havia trabalhado com o estilo. Não me era familiar, nem de domínio total. Mas acaba que, tenho essa inclinação a pegar o caminho mais difícil e a não tirar uma ideia da cabeça, quando essa ganha raízes.



Os primeiros rabiscos concretos, vieram da entrevista final – os últimos sempre são os primeiros, aparentemente –, talvez pela proximidade temporal, sendo a mais recente, ou talvez pela inspiração imediata. Com essas ideias fervilhando na mente, tinha em mãos a conversa com minha avó... Mas, por algum motivo, fui incapaz de produzir qualquer coisa. A folha em branco me encarava, sendo observada de volta, e parecia rir diante de minha incapacidade. Era frustrante. E ridículo, de certa forma, ou assim pensava. Porque, não era que não estivesse inspirada. Eu estava! Sabia a exata sensação que gostaria de evocar e ainda assim... Nada surgia. Irritada comigo mesma, levantei para assistir televisão e depois saí de casa, com destino a uma reunião com amigos. Lá, puxei o caderno, que carrego comigo para todos os lugares, e contrariando a mim mesma, sem pensar muito, rabisquei:



*Figura SEQ Figura \\* ARABIC 11. Primeira tentativa da entrevista com vovó Ester, 01 de agosto de 2023*

Fiquei deslumbrada com o feito e, de certa forma, satisfeita em como a imagem atendia ao requisito de moldura interativa. O sentimento durou pouco, porém. Ao chegar em casa, sentar-me novamente na bancada e escutar a entrevista mais uma vez – a quinta consecutiva, àquela altura – percebi que, enquanto representava quem era minha avó, e um pouco de quem eu era, como artista, a imagem não me falava nada sobre São Lourenço da Mata. Nisso, lembrei-me que “para poder ser criativa, a imaginação necessita identificar-se com uma materialidade. Criará em *afinidade* e *empatia* com ela, na linguagem específica de cada fazer.” (Ostrower, 1987, p.39). A imagem que estava buscando, não era sobre mim, materialidade que costumo visitar quando preciso criar, e sim a soma entre minha entrevistada e cidade que segredou-me.

Dormi, de certa forma, reflexiva e ao som da voz trêmula de vovó Ester.

Ao raiar do novo dia, tentei novamente. Dessa vez, sem música, em uma casa vazia, solitária e silenciosa. Fechei os olhos, respirei fundo e *lembrei* da conversa que tive com vovó antes, durante e depois de nossa entrevista. Fiz isso, porque “muitas de nossas lembranças [...] nossas ideias, não são originais: foram inspiradas nas conversas com os outros.” (Bosi, 2023, p. 423). Muito além do escutar, revisitei o momento em que vovó Ester, contou-me sobre ter nascido em 1939, num sítio chamado Brejo da Madre de Deus, nas terras de Caruaru. Sobre sua infância sofrida, e a fé no divino. Da casinha de taipa, precária e cheia de insetos, que ela enchia com folhas de canela para perfumar o ambiente;



Figura SEQ Figura \\* ARABIC 12. Rua Joaquim Nabuco, Centro de São Lourenço, popularmente conhecida como Rua do Rosário. Acervo pessoal.

onde teve e criou seus filhos. De quando, costurou um uniforme para sua filha mais velha participar de um evento na Igreja Batista da cidade. E muito antes, de como ajudava o marido com as contas da família, costurando. Deixei que viesse até mim, sua imagem de sorriso um tanto tristonho, lamentando-se por não poder costurar mais, pelo impedimento de saúde, única coisa mantendo-a longe de uma máquina. Sozinha em meu quarto, lembrei-me de como vovó soava, ao dizer que, se fosse alfabetizada, escreveria um livro sobre as amarguras e felicidades de sua vida. Como poderia eu, então, ignorar tão potente narrativa, a *memória* dela, a fim de favorecer minhas egoístas preferências estéticas?

Não poderia. Não pude. Não fiz. Descartei o esboço original por inteiro, recuperei as folhas, o lápis e a borracha.

Tentei mais uma vez. Agora, porém, atenta a seu discurso. A valorização que dava, sempre deu, a sua família. A preocupação com nossa saúde, segurança e sucesso na vida. Ao apego que possuía a sua casinha – que já não era a mesma, onde teve seus filhos, e sim uma herança da madrinha –, a sua rua, a sua igreja, a seu Deus, a sua religião, a sua cidade. No passado, na rua Joaquim Nabuco, existiu uma igreja dedicada à Nossa Senhora do Rosário, demolida ainda na segunda década do século XX, daí vindo o nome popular, pelo qual maior parte dos são-lourensenses conhecem a via: rua do Rosário. No catolicismo, a figura do rosário é um elemento recorrente de busca pelo divino, composto por vinte “mistérios” que elencam eventos importantes na vida do Cristo. Para se rezá-lo, o fiel faz uso do *terço*, que seria, então, a terça parte do todo. Além da igreja, outra coisa sempre aproximou a conhecida rua do Rosário de seu nome: *o formato que tem é semelhante ao de um terço*.

No instante em que fiz tal paralelo, tive certeza de como retrataria a cidade de vovó Ester. De como a faria, protegida pela única coisa capaz de dá-la segurança em todos os momentos de sua vida. De como incluiria, em sua cidade, a família, que tanto lhe trouxe felicidade; a costura, de que sentia falta; o marcapasso que mantinha-a viva; seu “velho”, de quem tinha eternas saudades; sua amada casinha... Fui tomada de euforia e deslizei a ponta de carbono, enfim, sobre a superfície pálida do ofício, dando forma a:

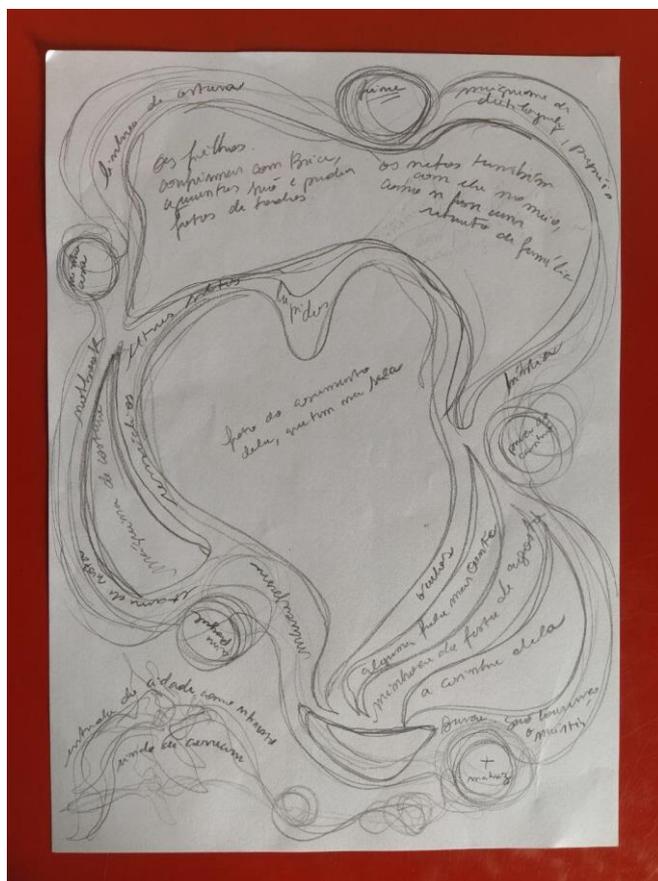


Figura SEQ Figura \\*ARABIC 13. Segundo esboço de vovó Ester, 02 de agosto de 2023; grafite sobre ofício.

Não demorou, após essa primeira tentativa, para que fizesse a ampliação do modelo, que em muito me agradou, para o tamanho definitivo, onde seria finalizado. Usando lápis de cor, sobre o papel de aquarela, construí o terço. Tomei cuidado, apesar da dificuldade de proporção, em respeitar a matemática do artefato. Nos terços católicos encontramos quatro esferas maiores, no círculo principal, que simbolizam os momentos de invocação do “Pai Nosso”, entre cada um desses, é possível enumerar dez contas menores, sendo essas, as “Ave Marias”, ao centro, ligeiramente maior que todas as outras, temos a “Salve Rainha”, então outro “Pai nosso”, *três* – sempre ele – “Ave Maria” e, por fim, no crucifixo, o “Credo Apostólico”. Na invocação do rosário, ao chegar-se no credo, seriam reiniciadas as rezas, a partir do “Pai Nosso”, mais duas vezes, somando assim, *três* voltas completas no terço.

Assim eu construiria a cidade que vovó me mostrou. Elencando os pontos que ela mesma me falou, em sua entrevista, usando-os de destaque em cada uma das contas do pai nosso. Na maior esfera, coloquei a igreja matriz, tão perto dela, em sua reconfortante presença. A paleta de cores restrita ao verde e seus mais quentes, ou frios tons, adveio de nossa conversa pós entrevista, sentadas à mesa da sala. Perguntei-a qual seria sua cor favorita, e tão rápido que quase parecia ensaiado, vovó sorriu-me e disse: “Verde, que é a cor da esperança!”. Suas variações e detalhes. A intensidade da cor secundária, lhe roubara um sorriso terno. Foi suficiente para mim.

Tentei manter-me quase restrita ao uso da aquarela em bisnaga, para pigmentação de sua imagem. Emulando a falta de nitidez que ela mesma, disse ser frequente em sua vida. Mas, no correr do pincel, achei insuficiente. Culpo minhas próprias habilidades, travadas pela falta de prática com a técnica. Desejava apresentar fluidez suavidade, ao mesmo tempo, em que ansiava por tornar de fácil compreensão todos os detalhes



*Figura SEQ Figura \\*ARABIC 14. Esboço definitivo da entrevista de vovó Ester, 08 de agosto de 2023. Lápis de cor sobre papel para aquarela A3.*

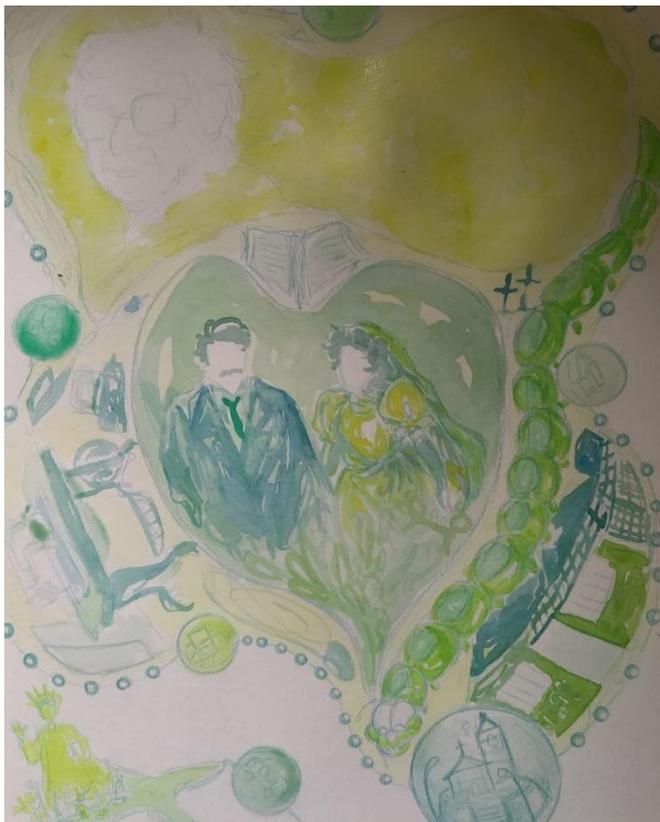


Figura SEQ Figura \\*ARABIC 15. Cores base de vovó Ester, aquarela sobre A3.

presentes na imagem. O que não consegui detendo-me a tinta aquosa. Sua natureza imprevisível, somada a minha tensão geral e desejo por controle, desembocaram em minha fuga para o lápis de cor, de modo a realçar os traçados.

Finalizada a produção, observei seu resultado, comparando com o conteúdo que me foi dito, e com as ideias tidas no primeiro esboço. Diversas partes foram perdidas, entre elas a presença de toda família de vovó. Mais que isso, adicionei um pedaço de sua fala, pensando que assim corroboraria com a potência do discurso. Não foi o caso.

Ainda assim, a cidade de vovó manteve-se viva e acolhedora, como em suas palavras. Os tons suaves de verde, acalmaram meu coração

tenso, e colocaram-me de novo, mais uma vez, para pensar na tarde morna, na conversa fácil, no olhar cansado, porém convicto, de quem já havia vivido muito, sofrido muito e amado muito.

Figura SEQ Figura \\*ARABIC 16. "Pra mim é tudo", aquarela e lápis de cor, sobre canson A3 (Acervo Pessoal).

É tudo pra mim, e tudo  
São Lourenço da Mata filha?  
tudo. Entendeu, minha filha?  
Eu aqui, eu me sinto sempre?  
Daqui eu não saio, daqui  
ninguém me tira.  
Aqui é um lugar  
muito bom de se  
viver



Cine Box

PRESE  
EM  
LM



Elivan foi um caso diferente por inteiro, porém. Eu sabia, desde o princípio, que precisava enfatizar sua natureza aventureira e ressaltar como conheceu quase todos os bairros da cidade (a exceção de Lajes) na cela de sua *bike*. Além disso, em todas as suas respostas, foi marcante a preocupação com a situação da natureza preservada em São Lourenço, como a seus olhos, ela acontecia, mesmo que aos trancos e barrancos, de forma visível, de como isso tornava todo espaço, diversas vezes, mais positivo e acolhedor. Cada um desses aspectos, já eram certos para mim. Eu sabia que, a ausência de qualquer um deles, seria uma perda irreparável diante de todo propósito da pesquisa, e do próprio trabalho. A questão, porém, como bem colocado por Ostrower (1987), era que “Ao criar, ao receber sugestões da matéria que está sendo ordenada e se altera sob suas mãos, nesse processo configurador o indivíduo se vê diante de encruzilhadas.” (p.70); como representar todos eles, de um jeito coerente, que fizesse sentido, que me fosse agradável, e pessoal, o equilíbrio entre o que ele tentou dizer e aquilo que eu de fato entendi? Como?

Fora das perguntas pré-programadas, meio que nas perguntas surgidas, quis saber alguns detalhes sobre quem era Elivan. Parte de mim, fez aquilo para unir conteúdo ao trabalho, direto para o processo artístico. Uma outra parte, porém, estava apenas genuinamente curiosa em comparar o jovem adulto, que conversara comigo, com o adolescente de quem me lembrava. E nisso, lá se foram questionamentos comuns a quem está no processo de conhecer outro, de contato inicial. Qual filme favorito? *V de Vingança* (2005). Gostava de algum estilo artístico em particular? Animação, se contasse. Certo, qual animação favorita, então? *Naruto* (2002-2017<sup>14</sup>). Acabei rindo um pouco, nessa parte. E ele respondeu como se fosse óbvio, o que, em retrospecto, deveria ser. Parte de nossa aproximação original, se deu pelo apreço em comum do *anime* japonês. Era bom saber que certas coisas não mudavam, mas... Nenhum desses conhecimentos me ajudou.

Após o sucesso tardio, com a produção de *vovó*, supus que seria menos penoso trabalhar com Elivan, mas aparentemente apenas me enganei. O fim de semana inteiro passou, sem qualquer novidade e enquanto assistia os dias correndo, cada vez mais próxima a data limite para finalização da pesquisa, mais desesperada fui ficando. Será que era assim tão difícil traduzir uma entrevista, todo um olhar diferente do meu, em uma produção artística? Bem, sim, era. *Foi*. Tanto, que a ideia concreta do que deveria, ou

---

<sup>14</sup> Ele estava se referindo tanto ao *Naruto* “clássico”, que foi ao ar de 2002 a 2007, quanto ao *Naruto Shippuden*, que dava continuidade a história e durou de 2007 até 2017. Apesar de serem consideradas animações distintas, tomei por liberdade colocá-las juntas, pois é assim que tendem a ser referidas.

poderia, fazer com todo arcabouço informativo que tinha sobre ele, veio apenas três dias depois da finalização do primeiro. Como na história de Jesus, minha criatividade ressuscitara ao terceiro dia? Em partes.

Ostrower (1987) alerta que, “o pensar só poderá tornar-se imaginativo através da concretização de uma matéria, sem o que não passaria de um divagar descompromissado, sem rumo e sem finalidade. Nunca chegaria a ser um imaginar criativo.” (p.32). Passei dias divagando, sem concretizar nada, até que meu namorado, despretensiosamente perguntou: “*Porque tu não faz um mapa?*”. Por que eu não fazia um mapa, para alguém que destacou em si mesmo, o prazer de conhecer, e descobrir, novos lugares ao redor de São Lourenço? Por que, não é? Soava tão simples, tão óbvio, quando colocado assim, que me peguei rindo sozinha diante de todo meu sofrimento anterior, da inclinação natural, em dificultar, eu mesma, minha vida.

Não demorei, após tais conclusões, a repetir o processo primeiro: ouvir a entrevista, alcançar uma folha de papel ofício e rabiscar. Terminou que a ideia era tão simples, quanto soava, e, ao mesmo tempo, tão complicada quanto temi.

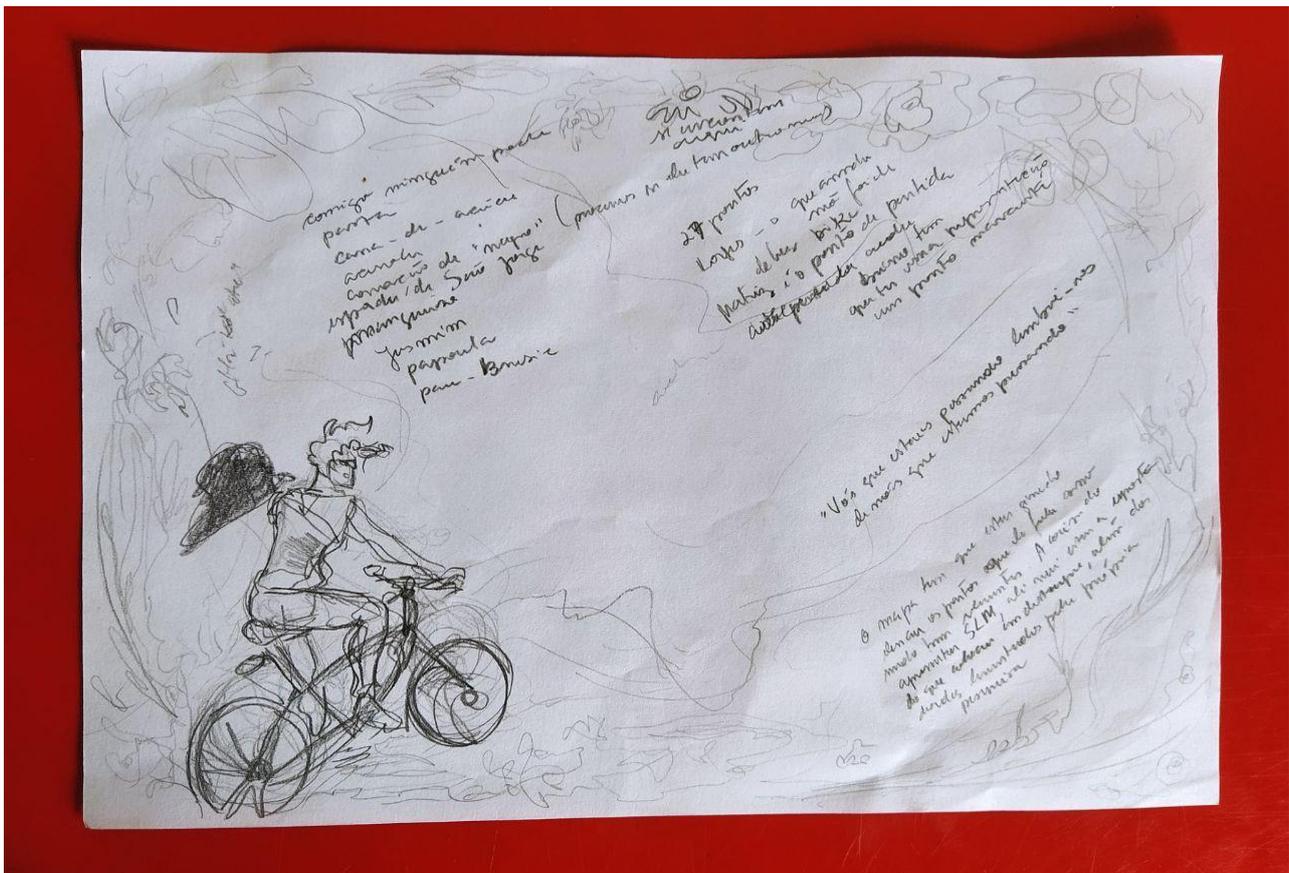


Figura SEQ Figura \\*ARABIC 17. Esboços dos pontos em São Lourenço a serem destacados, pt. 1., 08 de agosto de 2023; grafite sobre o papel

Simples, pois ela deveria ter estado ao alcance de meus pensamentos desde o começo, e complexa, pois a ideia de um mapa, envolvia indicar localizações. Fazer um mapa de São Lourenço da Mata, partindo da entrevista com Elivan, significou para mim, no instante do esboço inicial, de alguma forma representar todos os mais de vinte bairros e o único distrito, do município. Significou, incluir, de alguma forma, abundância de vegetação típica daqui. Significou, conferir a todos esses bairros, uma personalidade, um destaque, algo que os fizesse reconhecíveis para quem quer que os visse. E no desejo por esse fazer, despendi um dia inteiro, entre localizar pontos verdes, localizar os próprios bairros, através do *google maps* e esboçar simbologias que os definissem. Horas e horas, entre meu computador e outra folha de papel...

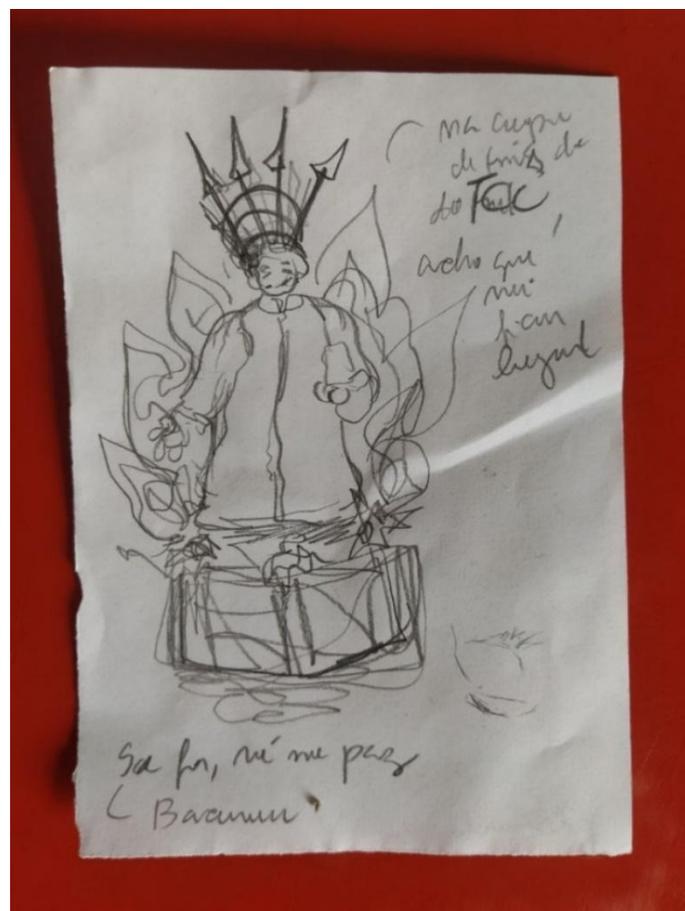
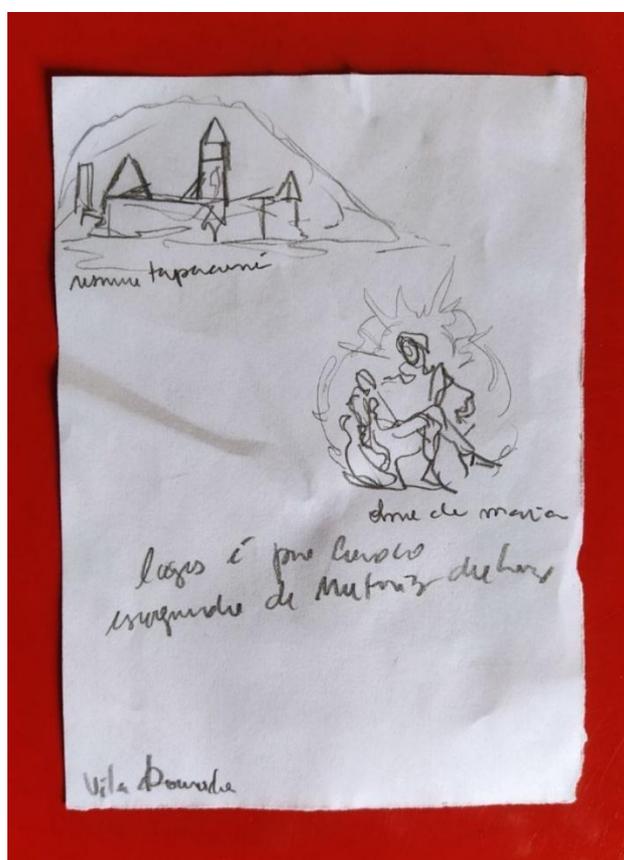


Figura SEQ Figura \\* ARABIC 18. Esboços dos pontos em São Lourenço a serem destacados, pt. 1., 08 de agosto de 2023; grafite sobre o papel



Precisei de mais uma noite de sono, para perceber que minhas ambições eram inviáveis. Para um trabalho daquela magnitude, merecia uma pesquisa inteira apenas para si, tema e objetivos próprios, não apêndice de uma outra temática. Que, além disso, não conseguiria dar conta de uma produção assim, com o pouco tempo que me restava. Precisava enxugar minhas ideias e, mais uma vez, impedir-me de complicar minha vida. O que, aparentemente, era uma missão *quase* impossível.

Assim, elenquei quinze lugares<sup>15</sup> que, tanto para ele, quanto para mim, eram destaques da cidade e que, em sua entrevista surgiram em naturalidade. Mas, como “Somos, de nossas recordações, apenas uma testemunha, que às vezes não crê em seus próprios olhos e faz apelo constante ao outro para que confirme nossa visão[...]” (Bosi, 2023, p. 423), voltei ao *maps* vez após vez. Não sendo suficiente, visitei os espaços, vivenciei-os à distância, e em presença, como mera espectadora. Diligentemente escolhi as plantas que gostaria de representar, e onde deveriam ficar na composição.

De volta ao meu quarto, então, pintei. Empolgada, com meus avanços, só fui parar já em estado avançado de produção, perdendo assim o esboço original.



Figura SEQ Figura \\* ARABIC 20. Entrevista de Elivan, já em estado avançado de produção, 11 de agosto de 2023. Lápis de cor sobre papel para aquarela A3.

<sup>15</sup> Matriz da Luz, o Campo e as plantações de cana de Tiúma, os conjuntos habitacionais de Nova Tiúma, o cemitério Morada da Paz, a caixa d'água no Alto do Prego, a igreja Matriz de São Lourenço, o Cine Royal, o Parque Capibaribe, a Praça do Pau-Brasil, a Cachoeira de Penedo, o campo de futebol de Muribara, a Obra de Maria, a Arena Pernambuco e um ponto não identificado, sendo Lajes

Dali em diante, não houveram grandes adições ao contexto geral da imagem. Finalizei as folhas, com os tons mais coloridos e alegres que pudesse encontrar. Refletiria assim a personalidade sorridente dele, e o calor natural da região. Assim como com vovó, perguntei a Elivan, quais suas cores favoritas, a fim de construir uma paleta, mas diferente dela, os pigmentos que escolheu iam além da monocromia. Vermelho, verde e preto. Era o espectro que possuía e teria de trabalhar com. Desafiador, para alguém sempre acostumada a cores análogas, e pendendo para vermelho e azul, constantemente. De alguma forma, consegui, porém. E isso, por si só, me surpreendeu.

A composição de Elivan, sem dúvida, foi a que mais me deu dor de cabeça. Também foi a que tentei ser mais ambiciosa. Por consequência, foi a que menos me satisfez em resultado. Pareceu vazia. Pela metade... Ao mesmo tempo, em que não tive capacidade de apontar qual motivo de sua incompletude. Ali estava a cidade que ele me mostrou, o próprio Elivan e parte das sensações que me permeavam em sua presença. Lá estava o verde, o calor, a curiosidade... Lá estava São Lourenço da Mata, a ser descoberta.

Mas será que a incompletude, seria, de fato, um problema?





No caso de Carol, o problema inicial foi mais de ordem excessiva que de escassez. Diferente das duas tentativas anteriores, não tive qualquer problema em sentar e rascunhar ideias envolvendo a visão intimista e caseira de minha prima. Ao contrário, usei mais de

uma folha, mais de uma abordagem... Nenhuma delas, porém, pareceu fazer jus ao que Carol tinha me contado, ou quem ela representava.

Novamente longe de casa, achei por bem tomar como caminho inicial, a representação em sua literalidade, do lar dela, aproximando em seguida, em um movimento de lupa, do elemento representativo da cidade. Tentei indicar, assim, que Carol, via São Lourenço contido no seu lar. Ambos indissociáveis. Na concretização de que “A casa materna [...] a cidade cresce a partir dela, em todas as direções. [...]” (Bosi, 2023, p. 454). A problemática, porém, era que ter esse conhecimento não me ajudava a tomar uma decisão

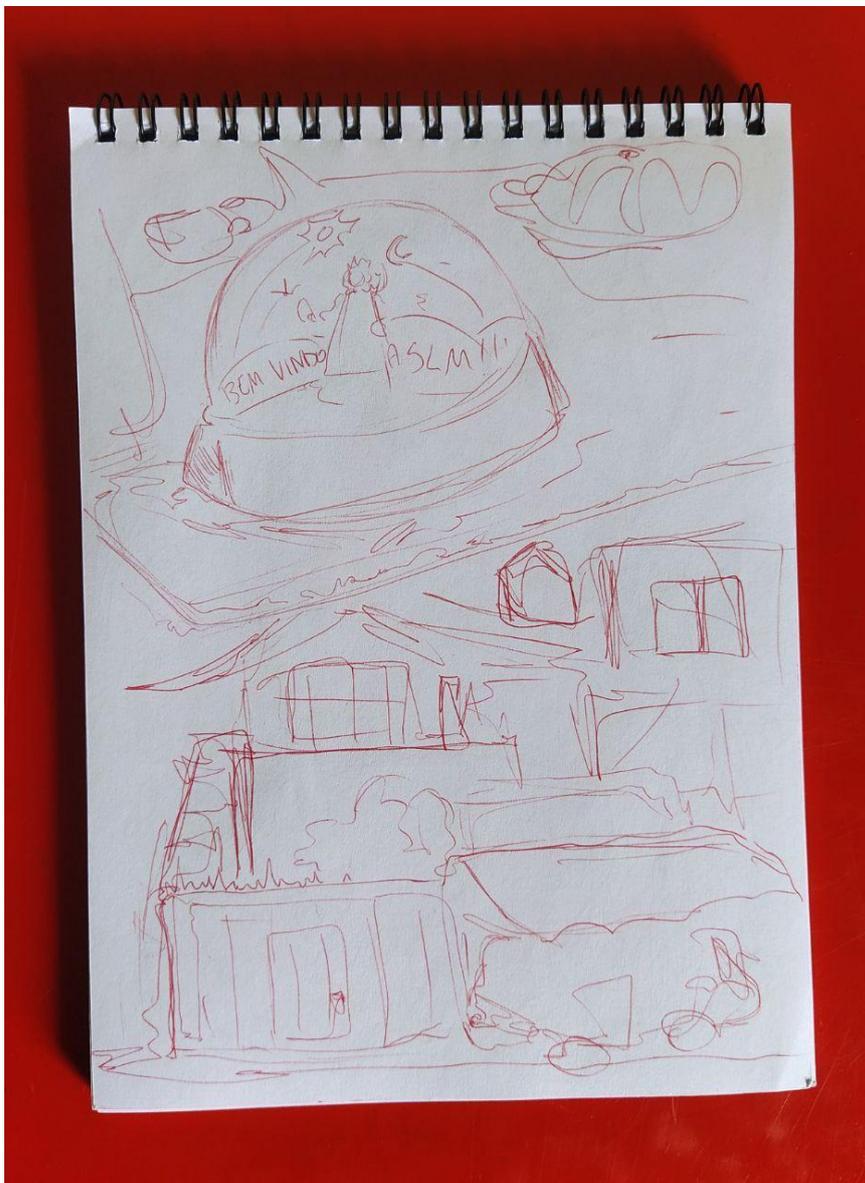
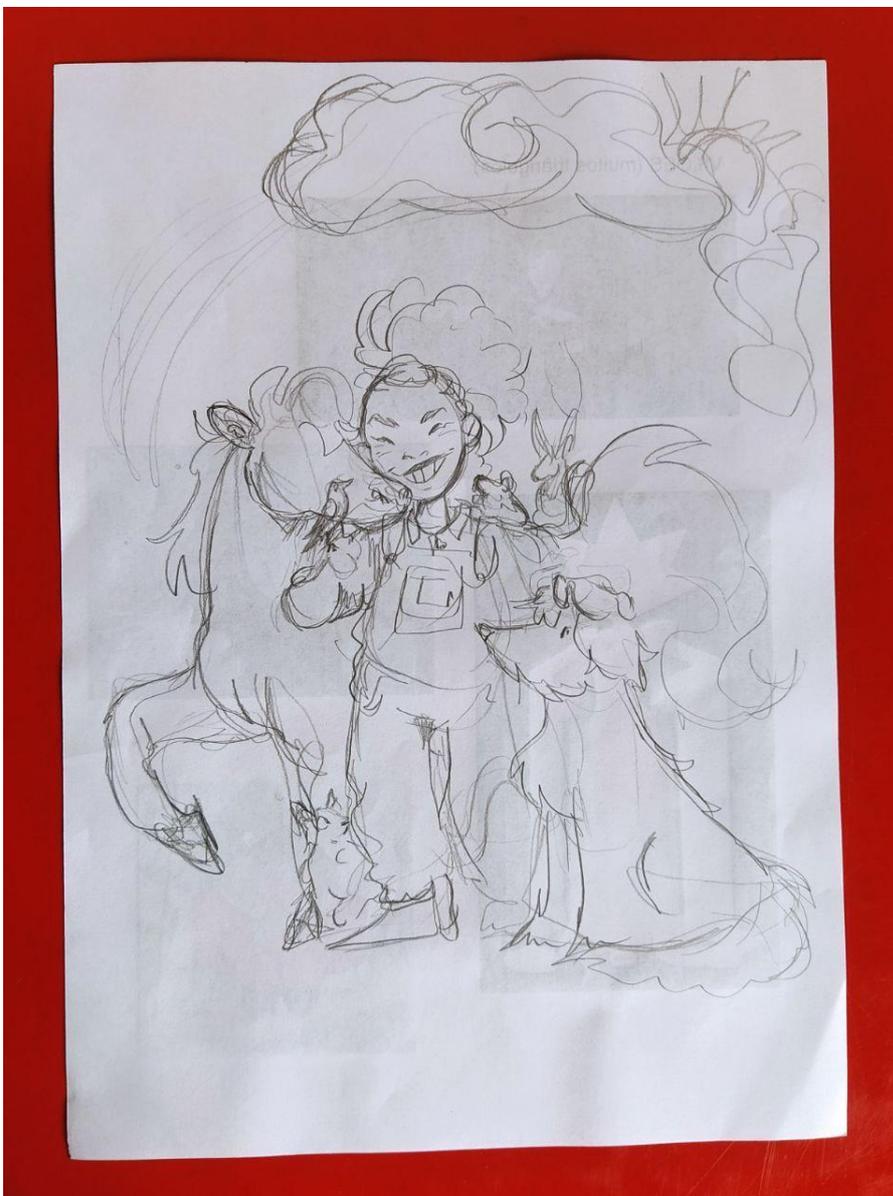


Figura SEQ Figura \* ARABIC 22. Primeiro esboço de Carol, 12 de agosto de 2023; caneta esferográfica sobre

satisfatória. Tinha de descobrir como “enxergar as coisas nas suas antigas proporções, como posso tornar-me de novo criança?” (Ibid.).

Tal qual nas vezes anteriores, revisitei a entrevista realizada, refletindo sobre o que me fora dito, como dialogava com questões sobre paisagem, afetos, memórias e não lugares. A ideia de que Carol não necessariamente enxergava São Lourenço como um lugar, e sim um detalhe que continha seu lugar, de fato. Não funcionou. Sem sucesso e cansada, recorri ao próximo passo – pelo qual, talvez e após duas tentativas, deveria ter recorrido desde o começo. Pensei sobre a tarde morna de nossa entrevista, no sorriso

esperto que ela dava quando achava estar respondendo de forma sábia, aquilo que sempre se propôs a simplicidade. Pensei no “rabo-de-cavalo” em seu cabelo, na blusa cinzenta que usou. Lembrei do *iô-iô* velho, que pertenceu à minha infância e agora estava presente na dela; de sua tentativa de me ensinar as técnicas com brinquedo. Rememorei sobre o timbre de sua voz, enquanto contava sobre a paixão por animais, e como pretendia virar veterinária, como teria uma fazenda repleta de seres vivos, desde os maiores bois, até o mais delicado periquito. Criei em mim, a imagem da garotinha, que conheço desde o nascimento, vestida de macacão (enquanto explicava sobre suas aspirações envolvendo sítios e bichos diversos, Carol enfatizou que sua vestimenta seria um clássico macacão jeans) e cercada pelos animais que tanto ama.



*Figura SEQ Figura \\* ARABIC 23. Segundo esboço de Carol, 12 de agosto de 2023. Grafite sobre papel.*

Mas a imagem central, da menina satisfeita entre seus animais, era uma projeção futura. Era aquilo que Carol *queria ser*, não o *que era*. Se tratava, do que ela desejava construir para si mesma e que, não necessariamente tinha conexão com São Lourenço da Mata. Logo, não poderia ser a minha resposta. Sendo essa já minha segunda tentativa de relevância, e já havendo esquecido que o mesmo processo se deu quando comecei a produção voltada para vovó, percebi-me cada hora, e então dias, mais ansiosa com datas e entregas. Por ironia, porém, foi num almoço de domingo, escutando adultos conversarem sobre a baixa empregabilidade do município, que ri comigo mesma, pensando no fato de que um dos pontos positivos, levantados por Carol, foi justamente a alta de empregos em São Lourenço.

*Eureka*, aparentemente.

Em um movimento digno de mágica, eu sabia exatamente o que fazer. E, mais importante, possuía traçada na mente, a trilha exata de *como* faria.

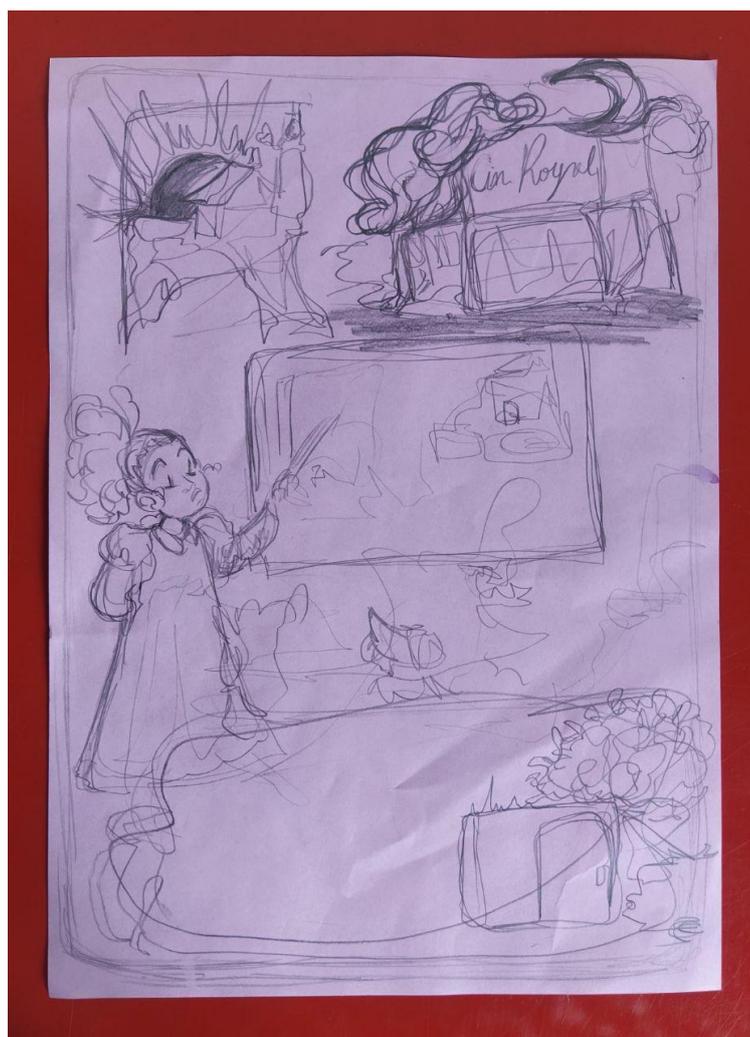


Figura SEQ Figura \\* ARABIC  
24. Esboço final de Carol, 13  
de agosto de 2023. Grafite  
sobre ofício rosa.

Além das perguntas moventes dessa pesquisa, indaguei a Carol, quais lugares ela gostava aqui em nossa cidade, além de sua casa. Foi o único momento em que a vi sinceramente parando para pensar, buscando em si mesma, a resposta. Que não tardou, necessariamente, a surgir. O alto da igreja, onde ela gostava de brincar, e o *Cine Royal*, cinema local, onde poderia ir para “relaxar”. Além destas coisas, conversamos sobre nossas animações favoritas. E coloco assim, pois foi uma via de mão dupla, porque costumamos consumir os mesmos desenhos, e comentar sobre eles, com a mesma intensa felicidade, e cantar suas músicas com nossas vozes desafinadas, porém apaixonadas. Diante do resultado de meu último esboço, entendi enfim o que deveria ser feito, e como essa produção, a final de minha pequena série de *três*, seria toda sobre subjetividade infantil.

Vovó Ester e Elivan, de certo, valorizavam a cidade por aquilo que ela era, mas Carol preferia criá-la naquilo que *gostaria* que fosse. Expansão de sua casa, pintada com doces cores, cheia de animais, perto das pessoas que ela amava. “*Um lugar muito bom pra se morar!*”. Antes de me despedir, ao término de nossa entrevista, ainda quis saber quais eram suas cores favoritas na intenção de assim decidir a paleta que guiaria sua obra.

Carol sorriu para mim, como se essa fosse a pergunta mais boba, entre todas as feitas, e, contando em seus dedos indicou-me *três* tons: rosa choque, roxo e preto. Sorri-lhe de volta, aquele dia, guardando para mim, como essa era uma das *minhas* combinações favoritas.

Já no papel para aquarela, de tamanho A3, expandi o último esboço e passei a compor os elementos fazendo uso de diversos tons dentro dos limites daquilo que ela tinha me oferecido. Queria emular os traçados suaves, porém bem delimitados de animações infantis, com suas cores atraentes e calmas. Por isso, optei pela combinação entre lápis de cor e aquarela, aplicando a segunda por último, a fim de obter uma certa textura entre os tipos de pigmentação. Sobre a presença de elementos, voltei-me ao que Carol valorizava, tanto de pontos lembrados em



Figura SEQ Figura \\*ARABIC 25. Produção em andamento (Acervo pessoal).

nossa cidade, quanto do que apreciava em sua própria casa. O sofá da sala, onde assiste seus desenhos animados e se diverte com joguinhos para celular; as plantas que mantém, com a ajuda da mãe, na mureta da varanda e o pé de feijão, que tão orgulhosamente veio mostrar-me, no instante em que brotou sua primeira vagem. Mantive-a como figura destaque na imagem, envolta pelo que amava e pelo que confabulava amar. Por isso o sorrisinho “sabe-tudo”, explicando algo para os espectadores sentados no sofá.

O detalhe que faltava, porém, era para quem ela estaria contando suas fantasias cidadinas. Finalizei todas as demais camadas da ilustração, presa nesse problema e em como solucioná-lo. Sua (nossa) família? Aparecia nas respostas, mas Carol não ganharia nada explicando a eles (nós) o que já sabiam. Figuras não identificadas? Não agregaria em nada no trabalho, tanto estética quanto poeticamente. Então o quê? Uma nova onda de ruins sentimentos abateu-se sobre mim, quando a própria Carol entrou pela porta de meu quarto, na intenção de mostrar seu mais novo desenho. Acontecia que, em seu último aniversário, eu e minha irmã a presentearmos com um caderninho e uma caixa de hidrocores, ao notar seu apreço crescente por desenho e pintura. Desde então, a cada nova produção, ela nos procura. E, aconteceu de ali, nesse pequeno detalhe, estar minha resposta. A quem Carol deveria contar sobre São Lourenço? Suas próprias criações.



*Figura SEQ Figura \\* ARABIC 26. Desenhos favoritos de Carol, retirados de seu acervo pessoal. Hidrocor e lápis de cor sobre pape (Acervo pessoal).*



Assim, cheguei na imagem final, a soma de todos os caminhos tomados, sem saber se de fato gostava do resultado, ou se apenas mentia para mim mesma, a fim de não perder o ânimo. Uma espécie de “Continue a nadar, para achar a solução.” (Procurando Nemo, 2003). Havia confiado no processo e me sentia traída por ele. Mesmo assim, deixei tudo como estava e rumei para uma boa noite de sono. Aquela que dizem os mais velhos, é capaz de curar quase tudo... Bosi (2023) afirma ser através dos velhos, que preservamos nossa memória, e que, na sociedade moderna, é a eles que conferimos esse papel de “guardiões”. Sabendo disso, não deveria me surpreender com o fato de estarem certos. Mas, me surpreendi. No alvorecer da nova manhã, sob luz solar, o trabalho que eu odiara na noite anterior, fez-me sorrir em satisfação.

Não tive certeza, se ele retratou a São Lourenço que Carol gostaria de transparecer, mas eu gostava. Das cores, das formas, a disposição dos objetos. Mais, gostava de como era capaz de reconhecer a cidade que tanto amava, envolvendo minha amada prima.



MINHA COISA  
MINHA F

EMPREGOS  
EM SLM!

Cine Royal

## A cidade que fica

*“Ponho os meus olhos em você  
Se você está  
Dona dos meus olhos é você  
[...] Lá fora a rua vazia chora  
Pois meus olhos vibram ao te ver  
São dois fã, um par  
Pus nos olhos vidros para poder  
Melhor te enxergar”*

*(Luz dos Olhos – Cássia Eller, 2001)*

Quando era criança, gostava de passear pelo Centro com minha avó. Não tenho certeza de quando foi a primeira vez em que fizemos isso, e talvez nem fossem exatamente passeios, quando mais envolvia ela saindo para comprar algo, que qualquer outra coisa. Mas, lembro-me de gostar. No castelo de memórias que possuo, a parte acessível, aquela que posso alcançar com facilidade, me mostra tardes ensolaradas, a luz morna banhando minha pele; mostra uma versão menor e mais imprudente e inocente e caótica minha, de braços dados com aquela que primeiro me deu seu nome. Vovó não gostava de andar de mãos dadas, por conta do acúmulo de suor, então me oferecia seu braço: macio, flácido e enrugado. Ainda hoje, sou mais confortável com braços, que mãos dadas. Mas a questão, é que, na aurora de minha infância eu passeava pelo centro de São Lourenço da Mata, e aos poucos construía aquilo que, no início desta pesquisa, denominei como *conhecer* meu espaço, no sentido amplo, no sentido de que, poderia explicar sobre a cidade com fácil pensamento... Mas o que eu sabia lá, era o mesmo que sabia, ao passear pela avenida de calçadas estreitas; era o mesmo que sabia, ao visitar o Pátio da Feira, em manhãs de sábado, ao som do burburinho humano e Reginaldo Rossi... O que sabia, era sobre a cidade que eu criei, que existe para mim, e talvez para mais ninguém. Investigar sobre São Lourenço, me fez perceber o quão pouca noção possuía sobre sua história, e menos ainda, sobre bairros que não os adjacentes ao meu de nascença.

Durante as entrevistas, em especial a de Elivan, fui confrontada por localizações das quais jamais havia ouvido falar, e que, na verdade, muito me interessariam em visitar. A naturalidade vazando do timbre calmo dele, ao me dizer que já havia sim visitado todos os bairros do município, à exceção de Lajes, através de suas aventuras de bicicleta, me fez sorrir e retorcer o estômago em frustração. Ali estava eu, dizendo saber quem era São Lourenço, por toda uma pesquisa de cunho acadêmico, e por haver crescido entre as avenidas estreitas de prédios baixos... Mesmo que não pudesse sequer identificar para que

direção ficava a tal Lajes. Foi desconcertante. Foi constrangedor, com arrepio na espinha e vontade de remediar o tal constrangimento. Que, para minha infelicidade e encantamento – em proporções equivalentes – não foi um sentir restrito a ele. Durante as entrevistas, mais do que conhecer a São Lourenço de cada um dos colaboradores, me deparei com os demais fragmentos do lugar onde vivo, que sempre estiveram aqui, mas que para mim, até então, pouco ou nada significavam. Conversar com Carol, me fez perceber a abstração da infância, me fez vasculhar em mim mesma, como de fato realizei ao abrir essa conversa final, atrás daquilo que percebia do mundo quando tinha dez anos; mesmo que 2010 e 2023, proporcionem vivências inteiramente distintas. Mas lá estava eu, na varanda da casa de minha madrinha, conversando com minha prima, e notando que, de certa forma, o município em que ela vive era o ensejo de um não lugar, a seus olhos. De que, para longe dos muros de nossa casa, e longe de nossa família, São Lourenço da Mata lhe parecia como qualquer outra cidade. No extremo oposto, me veio o diálogo com vovó Ester. A surpresa desse, surgida desde suas primeiras palavras, pois me defini apaixonada por meu município, ao indicá-lo como parte indissociável de mim... Mas, ela segredou-me sobre a cidade que lhe era *tudo*, pois continha em seus limites territoriais, as memórias que para ela valiam preservar, valiam acessar de novo e de novo e de novo, pois eram singulares, preciosas.

A dúvida que não me permitiu dormir, pensando e repensando, que me fez conversar sobre São Lourenço ao ponto de cansar familiares e amigos, a força motriz de todo esse longo conjunto de palavras foi: *O que é a cidade de São Lourenço da Mata para seus habitantes?* Agora, quilômetros e quilômetros de distância da letra inicial, consigo dizer que: Para Carol, São Lourenço da Mata é um pano de fundo, um cenário vago, não muito impactante na narrativa de sua vida, que pode ser substituído, moldado às suas confabulações de criança, se melhor convir. Para Elivan, São Lourenço da Mata é o verde, é aquilo que poderia ser, e o que seus cidadãos tentam que seja, é nostalgia de algo que talvez nunca tenha existido; o oposto, portanto, do que Carol sentiu, pois como diz Augé (2012, p. 102): “O não lugar é o contrário da utopia: ele existe e não abriga nenhuma sociedade orgânica.”. E para vovó Ester, São Lourenço da Mata é aquilo que *significa*, que foi, que aconteceu e lhe inundou de bons sentimentos, é *vida*, e não por ser perfeita – a vida ou a cidade – mas por ser vivida, sentida, por se atribuir significado a ela. Para vovó, São Lourenço é um lugar, talvez “*O lugar*”, com essa entonação de importância.

Refletir sobre essas coisas, me traz então, para aquilo que sinto após a longa jornada... *Incompletude*. Sinto-me incompleta, fragmentada, após solucionar a dúvida. E culpabilizo esse sentir, a escolha do fazer, a meu egoísmo primeiro em, além de pensar sobre as percepções que me eram dadas, ainda confabular e criar, eu mesma – como artista e arte educadora e pesquisadora (nesse caso mais como artista mesmo) – obras que deveriam espelhar essas novas São Lourenço. Mas, fui vitoriosa em meu intento? Não sei. Metade de mim, acha que sim, pois foi um resultado, está ali, é palpável, é sincero, é *real*. Outra parte, porém, depara-se com uma nova insônia, uma que me faz caminhar pelas tais avenidas estreitas, repletas de gente que conheço e desconheço, no gigantesco fluxo de cidade grande-pequena; observando seus rostos, hora cansados, hora felizes, hora tristonhos, hora misteriosos... Me faz contemplar isso, e então a cidade, e lembrar da boa vontade de meus três entrevistados de, através de palavras, tentarem me explicar o que viam... A miríade que cresce em mim, diante de todo conjunto, se mostra em uma nova inquietação, aquela que mais parece o próximo passo a tomar, agora que chegamos aqui. A resposta ao: “Tá, o que fazemos agora?” Bem, agora pensamos em: *Como a cidade de São Lourenço da Mata, seria visualmente retratada por seus habitantes?*

## Referências

ACHARD, Pierre (org) *et. al.* **Papel da Memória.** Trad. e Intro. José Horta Nunes – Campinas, SP: Pontes, 1999.

AMSTERDAN, Clebson. **Alerta para cheia do rio Capibaribe em São Lourenço da Mata.** Disponível em: <<https://pernambuco noticias.com.br/alerta-para-cheia-do-rio-capibaribe-em-sao-lourenco-da-mata/>>. Acesso em: 18 de ago. de 2023.

**Apaixonados pôr Tapacurá.** Disponível em: <<https://www.facebook.com/profile.php?id=100068921122090>>. Acesso em: 18 de ago. de 2023.

AUGÉ, Marc. **Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade.** Trad. Maria Lúcia Pereira – 9ª edição – Campinas, São Paulo: Papirus, 2012.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças dos Velhos.** – 20ª edição – São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

CABRAL, Carmen Lúcia de Oliveira e SOUSA, Maria Goreti da Silva. **A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores.** *Horizontes*, [S. l.], v. 33, n. 2, 2015. DOI: 10.24933/horizontes.v33i2.149. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/149>. Acesso em: 02 jul. 2023.

CANTON, Kátia. **Espaço e Lugar.** São Paulo: Editora WNF Martins Fontes, 2009.

CÁSSIA ELLER. **Luz dos Olhos – Ao vivo.** In: Acústico (Ao vivo) – EP. Disponível em: <<https://open.spotify.com/intl-pt/album/7mgNhvsT5RpvIoq8q2DHFI?si=CjvaLFIFT0uFPATW6wGDag>>. Acesso em: 11 de ago. 2023.

**CLUBE DA LUTA.** Direção: David Fincher. Produção de: *Art Linson, Ceán Chaffin, Ross Grayson Bell.* Estados Unidos: *Fox 2000 Pictures*, 1999.

DA COSTA, Luciano Bedin. **Cartografia: uma outra forma de pesquisar.** Disponível em: <[https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/15111/pdf\\_1?fbclid=IwAR1d4vXw2Muo-ERj9hRELnJdMmwZHTS5mViFIh0XL0BQoyiFuG6C55zDRUK](https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/15111/pdf_1?fbclid=IwAR1d4vXw2Muo-ERj9hRELnJdMmwZHTS5mViFIh0XL0BQoyiFuG6C55zDRUK)>. Acesso em: 22 de out. de 2021.

GEOGRAFIA, Duvid. **Da Paisagem ao Espaço – Prof. Milton Santos – FAU-USP 1995**. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=juUkCzFTO5U> >. Acesso em: 17 de ago. 2023.

EL-MOHTAR, Amal e GLADSTONE, Max. **É assim que se perde a guerra do tempo**. Trad. Natalia Borges Polesso – 1ª edição – Rio de Janeiro: Suma, 2021.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Trad: Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais Ltda, 1990.

IBGE. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros – Municípios do Estado de Pernambuco (Vol. 18)**. 1958. 317 p. Editora IBGE. Entidades secundárias: Conselho Nacional de Estatística (Brasil) e Conselho Nacional de Geografia (Brasil).

IBGE. **São Lourenço da Mata: História e Fotos**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/sao-lourenco-da-mata/historico>>. Acesso em: 4 de nov. de 2021.

IBGE. **São Lourenço da Mata: Panorama**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/sao-lourenco-da-mata/panorama>>. Acesso em: 10 de ago. de 2023.

LEGIÃO URBANA. **Metal Contra as Nuvens**. In: Legião Urbana V – EP. Disponível em: <<https://open.spotify.com/intl-pt/album/1MukPW9kcaydlq29KX2OUk?si=MXSdX-zFSlq8QxrhJMpMkg>>. Acesso em: 13 de jun. 2023.

MARANHÃO, José de Albuquerque. **História de São Lourenço da Mata**. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/10UWV0e2nuN4Lyxo1Q2v46mpX3kXVCr6Q/view?fbclid=IwAR2zt-jz43akvM7mfPeEyWWlFRWNGYUTu2XiGEyT2uHIRDsBx-ftPhMZIgk>>. Acesso em: 20 de jul. de 2023.

**NEM QUE A VACA TUSSA**. Direção: John Sanford, Will Finn. Produção de: *Alice Dewey Goldstone*. Estados Unidos: *Disney Animation*, 2004.

OLIVEIRA, Andréia Machado e RICHTER, Indira Zuhaira. **CARTOGRAFIA COMO METODOLOGIA: UMA EXPERIÊNCIA DE PESQUISA EM ARTES VISUAIS**. Disponível

em:<<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/paralelo/article/view/13292/0>>.

Acesso em: 22 de out. de 2021.

OLIVEIRA, Alecsandra Matias de. **ARTE COMO LUGAR DA MEMÓRIA.**

Disponível: <

<https://drive.google.com/file/d/1OKxu8ZuXgJanVKDECBAGIAk0NyXEJp74/view> >.

Acesso em: 05 de dez. de 2022.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação.** – 6ª edição – Petrópolis,

Vozes, 1987.

**PROCURANDO NEMO.** Direção: Andrew Stanton. Produção de: *Jinko Gotoh*. Estados

Unidos: *Walt Disney Pictures, Pixar Animation Studios*, 2003.

ROCHA, Ruth. **Minidicionário da Língua Portuguesa.** São Paulo: Scipione, 2005.

**São Lourenço da Mata.** Google Maps. Disponível em: <

[https://www.google.com/maps/place/S%C3%A3o+Louren%C3%A7o+da+Mata,+PE/@](https://www.google.com/maps/place/S%C3%A3o+Louren%C3%A7o+da+Mata,+PE/@-8.0040242,-)

[-8.0040242,-35.0416389,13z/data=!3m1!4b1!4m6!3m5!1s0x7ab054a7d941903:0xf46329131b094dea!8m2!3d-7.9945199!4d-35.0421622!16s%2Fm%2F02x5v1y?entry=ttu](https://www.google.com/maps/place/S%C3%A3o+Louren%C3%A7o+da+Mata,+PE/@-8.0040242,-35.0416389,13z/data=!3m1!4b1!4m6!3m5!1s0x7ab054a7d941903:0xf46329131b094dea!8m2!3d-7.9945199!4d-35.0421622!16s%2Fm%2F02x5v1y?entry=ttu) >. Acesso em:

13 de jul. de 2023.

**São Lourenço da Mata.** Disponível em: <

[https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o\\_Louren%C3%A7o\\_da\\_Mata](https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Louren%C3%A7o_da_Mata)>. Acesso em: 4

de nov. de 2021

**São Lourenço, Minha História.** Disponível em: <

<https://www.facebook.com/saolourencominhahistoria> >. Acesso em: 20 de jul. 2023

SANTOS, Milton. **Pensando o Espaço do Homem.** – 5ª edição; 3ª reimpressão – São

Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

**SPIRIT: O CORCEL INDOMÁVEL.** Direção: Kelly Asbury, Lorna Cook. Produção

de *DreamWorks SKG e DreamWorks Animation*. Estados Unidos: *DreamWorks Animation*, 2002.

STIEFVATER, Maggie. **Lírio Azul, Azul Lírio.** Tradução: Jorge Ritter – 2ª edição –

Campinas, São Paulo; Verus, 2016.

ZÉ RAMALHO. **Jardim das Acácias – II**. *In*: Antologia Acústica – EP. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/album/2v3LyGhchaZaj00hpapULL?si=7Qzp1FJnRVS1y2MxUAphiA> >. Acesso em: 18 de jul. 2023.